



AGATHA CHRISTIE

&
OUTROS



O CADÁVER
ATRÁS DO BIOMBO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

AGATHA CHRISTIE

O CADÁVER ATRÁS DO BIOMBO

Título do original em inglês:
BEHIND THE SCREEN

Tradução
HEITOR A. HERRERA





EDITORA RECORD

CONTRA CAPA

Há alguns meses, os Ellis haviam admitido como pensionista um senhor de nome Paul Dudden. Com cerca de 45 anos, corpulento, introvertido e monossilábico, fora a princípio aceito de braços abertos, sobretudo pela tentadora mensalidade que oferecera como pagamento pela hospedagem. Dudden, que parecia uma pessoa pacata, passou logo a exercer uma singular influência sobre a família que o hospedava: a gorda e bonachona Sra. Ellis; o idoso e omissos Sr. Ellis; o jovem Robert, de cerca de vinte anos, indolente e apático, eterna fonte de preocupação para os pais; e Amy, moça de extraordinário encanto. Aquela inclusão na família operaria misteriosas alterações, alcançando proporções então inimagináveis.

Escrita inicialmente para a televisão, esta novela, curta, mas extraordinariamente bem urdida, foi elaborada como um jogo: Hugh Walpole escreveu o primeiro capítulo sem trocar idéias com os demais autores; Agatha Christie e Dorothy L. Sayers deram seguimento à construção do enredo partindo do ponto em que o predecessor o deixara; e somente os três últimos autores — Anthony Berkeley, E. C. Bentley e Ronald Knox — se reuniram para deslindar a trama que os três primeiros expuseram, resolvendo um verdadeiro quebra-cabeça.

Capítulo I

Hugh Walpole

O ódio era o sentimento que dominava o espírito do jovem Wilfred Hope, enquanto caminhava apressadamente pela Estrada Sunflower, em uma noite fria e tempestuosa. Odiar não era uma emoção que afinasse com seu caráter. Na verdade, até um ano atrás ele fora um jovem estudante inteligente, despreocupado e feliz, trabalhando como interno em um dos maiores hospitais de Londres, com excelentes perspectivas de uma bela carreira; seus únicos pensamentos eram dedicados ao trabalho e à noiva, a quem amava mais do que a esse trabalho e mesmo à própria vida.

Sempre se considerara feliz e alegre, mas agora, apressando o passo, tudo lhe parecia sinistro e hostil. Durante muitos meses passara as noites, após o jantar, na confortável e acolhedora casa dos Ellis, a família de sua noiva, Amy Ellis. Ao dirigir-se para lá, pensava — a despeito de seu nervosismo, sua perturbação e até mesmo certo terror, pois conhecia exatamente o que lhe ia na alma — como as coisas se haviam alterado ultimamente, tudo devido, como ele bem sabia, a uma única pessoa. Era essa pessoa que agora dominava seus pensamentos.

Quase exatamente um ano antes, os Ellis haviam admitido, como uma espécie de pensionista, um senhor chamado Paul Dudden. Era um homem de seus 45 anos, corpulento, introvertido, monossilábico, que tinha um emprego qualquer no centro. Ele oferecera aos Ellis — que não dispunham de grandes rendas — uma tentadora mensalidade para ser seu hóspede, o que foi prazerosamente aceito. Recebido de braços abertos, Dudden, que a princípio parecia uma pessoa pacata, passou a exercer uma singular influência sobre a família de seus hospedeiros: a gorda e bondosa Sra. Ellis, com seu sorriso alegre e sua maneira franca de dizer as coisas; o idoso Sr. Ellis, muito mais velho que a mulher e sem voz

ativa na casa; o jovem Robert, com uns 20 anos de idade, não muito atraente, com seu ar indolente, sua palidez e total falta de vocação para o trabalho, representando uma fonte de preocupação para seus pais; e, como quarto membro da família, a própria Amy que, para os olhos apaixonados de Wilfred, era a mais linda garota de toda a Inglaterra; na verdade, mesmo descontando a parcialidade natural do noivo, ela era uma moça de extraordinário encanto. Assim era a família Ellis, mas, pouco tempo depois da inclusão de Dudden em sua intimidade, começou a operar-se uma misteriosa alteração. O velho Ellis, que sempre fora um homenzinho nervoso e tímido, parecia ter redobrado sua timidez e nervosismo. A própria Amy dava a impressão de haver perdido parte de sua beleza. O jovem Robert se tornara mais mal-humorado e silencioso do que nunca.

Somente a alegre Sra. Ellis parecia não ter sofrido qualquer alteração. Quanto a Wilfred, quem poderia descrever as mágoas de seu coração? Enquanto caminhava, a chuva miúda batendo-lhe no rosto, o vento agitando as árvores das margens da estrada, a tempestade que se avizinhava — tudo parecia retratar os negros sentimentos que lhe afligiam a alma. Ele, que em toda a sua vida jamais odiara alguém, agora desejava que todos os males do mundo se abatessem sobre aquele homem que, não satisfeito em perturbar a paz e a felicidade da família que Wilfred mais estimava no mundo, também passara a mostrar-se ultimamente como exercendo uma estranha influência sobre a própria Amy, a ponto de Wilfred temer que ela chegasse a desmanchar o noivado com ele. Assim, quem caminhava apressadamente não era mais do que uma criatura infeliz.

Wilfred chegou ao portão, abriu-o, entrou no pequeno jardim e tocou a campainha. Durante uns instantes, teve uma estranha sensação de que deveria desistir. Alguma coisa lhe dizia que seria melhor ir embora. Ultimamente, tivera essa mesma sensação inúmeras vezes e suas visitas à noite não tinham o mesmo encanto de outrora. Mas, não, seu orgulho o impedia de recuar.

Tocou novamente a campainha e esperou. A porta foi aberta quase imediatamente por alguém muito familiar — a Sra. Hulk,

antiga e fiel empregada da família havia vários anos. Wilfred normalmente ficava durante uns minutos conversando com ela mas, naquela noite, dominado por sua agitação e nervosismo, apenas a cumprimentou com um ligeiro aceno de cabeça e entrou apressadamente no pequeno saguão. Sua preocupação era tamanha que nem notou que, após tê-lo deixado entrar, a Sra. Hulk, ao invés de fechar a porta, saiu de casa, enfrentando a chuva e o vento, atravessou o jardim e ficou parada junto ao portão, olhando ansiosamente a estrada, para um lado e para o outro. Esse era realmente um estranho procedimento da parte dela, por se tratar de uma pessoa tranquila e ponderada; naquela noite, porém, seu largo rosto redondo estava enrugado de ansiedade, enquanto vigiava. Estaria esperando alguém? Teria suspeitado de que alguém estivesse escondido atrás daquelas árvores escuras e agitadas pelo vento? Ou quem sabe esperava um sinal, um aviso? De qualquer modo, lá estava ela, na chuva e no vento, tão absorta no cumprimento de sua missão que mais tarde não conseguiu lembrar-se do que acontecera perto dela.

Entrementes, Wilfred pendurou o chapéu, tirou o sobretudo e bateu na porta da sala, entrando, sem esperar resposta, no ambiente que lhe era tão familiar.

A sala de visitas dos Ellis era do tipo antigo, usada por eles durante muitos anos, mas agora terrivelmente atravancada com numerosas mesinhas cheias de fotografias e bugigangas; em cima da lareira, exóticos bibelôs chineses, cãezinhos com focinhos azuis, mandarins e suas mulheres, grandes vasos com perpétuas agrupados uns em cima dos outros. Ocultando quase toda a parede do fundo, havia um enorme e antigo biombo japonês, agora tão familiar para Wilfred como suas próprias roupas — um biombo bordado com figuras negras e douradas, tendo junto dele um grande vaso de folhagens. A Sra. Ellis estava sentada perto do fogo, lendo uma novela em voz alta, como gostava de fazer. No sofá em frente, Amy, recebendo Wilfred com um sorriso. Ao lado dela, agitando-se inconfortavelmente em sua cadeira, estava Robert e, atrás de uma pequena mesa, não muito afastado, o velho Ellis

movia as cartas, jogando sua paciência favorita, como sempre fazia depois do jantar.

Wilfred sentou-se no lado oposto ao do biombo e perto da Sra. Ellis, que continuava em sua leitura:

“— Oh, Robert! — exclamou Lucy”.

“— És minha, afinal — respondeu ele, correndo através da sala e ajoelhando-se aos pés de sua amada”.

— E então? — perguntou a Sra. Ellis, interrompendo a leitura. — Isto não é uma beleza?

Amy concordou com um aceno de cabeça, para ser amável com a mãe. Wilfred na verdade nem ouviu a pergunta, pois, desde o momento em que entrara na sala e se sentara, ficara dominado por uma intranquilidade inteiramente nova para ele. Seria apenas uma falsa impressão ou havia de fato alguma coisa estranha na sala? Por mais que dissesse a si mesmo que tudo não passava de uma tolice, a desagradável impressão se acentuava cada vez mais.

Lá estavam os objetos de costume, as mesinhas, as fotos, os bibelôs chineses, o biombo, tudo em seus lugares, o fogo crepitando, a família que ele conhecia tão bem. Entretanto, crescia em seu espírito a impressão de que em algum lugar, atrás do biombo, talvez mesmo atrás dele — e esta era a pior impressão — havia mais uma pessoa na sala, com os olhos fixos nele, observando todos os seus movimentos.

A sensação de desconforto era cada vez maior. A voz da Sra. Ellis parecia vibrar em um tom estranho, diferente. Não conseguia entender as palavras dela. Olhava para Amy, para tranquilizar-se, mas então, estranhamente, embora a amasse tanto, receava que ela o encarasse e visse o temor nos olhos dele. Esse receio de revelar-se acentuava ainda mais sua ansiedade. Fixou o olhar, então, no jovem Robert, magro, alto, vestindo uma roupa que não lhe assentava bem e remexendo-se inquieto em sua cadeira, para frente e para trás. Foi então que Wilfred de repente notou que os punhos da camisa branca apareciam por fora das mangas do casaco do jovem, cada vez que ele se inclinava para trás. Esse movimento chamou a atenção de Wilfred que, olhando mais detidamente, notou que havia nos punhos umas marcas estranhas. Seria alguma

sujeira, talvez tinta? Não. Era outra coisa. Wilfred tentou olhar mais de perto, mas começou a sentir-se mal — possivelmente devido ao calor da sala — e então se deu conta de que o jovem Robert percebera seus olhares e puxara as mangas do casaco, chegando mesmo a colocar a mão sobre elas, para escondê-las melhor. Que manchas seriam aquelas? Havia alguma coisa que Robert queria ocultar? Mas Wilfred teve de rir de suas fantasias. O que poderia ser mais sossegado, mais tranquilo do que aquela sala, com pessoas amigas e tudo normal, o tique-taque monótono do relógio marcando o escoar dos minutos? Sua agitação, porém, não diminuía. Passou a ficar desesperadamente inquieto. Arrastou a cadeira mais para perto do Sr. Ellis, absorvido em suas cartas. Ficou observando a paciência durante uns momentos, tentando esquecer a própria irritação, até que, de repente, se deu conta de um fato estranho. O velho Ellis — tão tímido e pacato, que jamais fez qualquer coisa errada na vida, sempre dominado por sua encantadora e alegre mulher — o velho Ellis não estava jogando paciência, embora mexesse com as cartas. Colocava-as uma em cima das outras, mas em completa desordem, não observando qualquer regra quanto a naipes ou valores das cartas; limitava-se a arrumá-las em pilhas, distraidamente. O que estaria acontecendo? Qual a preocupação que lhe dominava o pensamento? Por que não estava jogando?

Wilfred tentou descobrir no velho algum indício de mal-estar, porém o rosto dele estava abaixado. Enquanto observava, Wilfred — agora convencido de que havia alguém mais na sala — teve vontade de explodir, interrompendo a leitura com uma pergunta:

“Dudden não virá esta noite?”, embora soubesse que a simples menção do nome daquele homenzarrão de aspecto sinistro deixava toda a família Ellis perturbada, como se necessitasse proteger-se contra algum inimigo. Tão consciente estava Wilfred de que, qualquer que fosse sua pergunta, o nome de Dudden não deveria ser pronunciado, mas desejando com indisfarçável ansiedade voltar-se para Amy e reclamar: “O que foi que este homem andou dizendo para você hoje, querida?” — sabendo que isso teria para a família o efeito de uma explosão, ele conseguiu conter-se, permanecendo

sentado, imóvel e, apesar de seus esforços, convencido de que estava esperando que acontecesse alguma coisa.

Se pudesse, queria chegar mais perto de Robert, com uma estranha sensação de que o rapaz estava desesperadamente aflito; embora não gostasse muito dele e não houvesse entre ambos nada em comum, ainda assim Wilfred sentia que talvez pudesse ter alguma explicação daquele visível sofrimento. Arrastou mais uma vez a cadeira e se deu conta de que ficara agora muito perto da alegre Sra. Ellis. Parecia-lhe que toda a sala mudara de posição.

Seus pensamentos se tornaram tão absurdos que cada peça do mobiliário — mesmo os pequenos bibelôs chineses, as fotografias, o álbum da família — parecia-lhe desempenhar algum papel, como tendo a consciência da presença de alguém mais na sala. Sua vontade era de levantar-se, apanhar um daqueles enfeites de porcelana e pedir que lhe revelassem qual o segredo que eles escondiam.

Percebeu que chegara às raias do absurdo. Reagiu, lembrando-se de que era um aplicado estudante de medicina, que já presenciara na vida muitas coisas estranhas, mas reais, tendo experiência bastante para saber controlar-se. Assim, fiado em que não revelaria suas emoções, arrastou novamente a cadeira, até que, subitamente, ficou na situação de ver a parte da sala que ficava oculta pelo biombo. Fixando o olhar, distinguiu algo que o apavorou. Agora, realmente, havia um motivo. Apertou com força os braços da cadeira. Toda a sala oscilou como o tombadilho de um navio em meio a uma tempestade e pareceu-lhe ouvir os pequenos bibelôs e as mesinhas e o álbum suspirarem aliviados. É que, atrás do biombo, estirado no chão, como se estivesse dormindo, o rosto macilento voltado para Wilfred, o enorme corpanzil torcido em uma estranha posição, como se alguém tivesse quebrado suas costelas, em diferentes partes — lá estava Dudden, indiscutivelmente, horrivelmente morto. Do lugar onde se encontrava, Wilfred podia ver, horrorizado, que da gola do casaco, junto ao pescoço, corria um fio de sangue, manchando o tapete e vertendo em ininterrupta sequência. Percebeu, com redobrado terror, que o fio de sangue não demoraria a aparecer no outro lado do biombo. Em breve, todos na

sala iriam notá-lo. O pavor que o dominava se estenderia aos demais. Fez um esforço para não gritar. O sangue continuava escorrendo, espalhando-se, como se fosse inundar toda a sala. A Sra. Ellis, com um suspiro de satisfação ante a beleza do trecho que estava lendo, mais uma vez deixou o livro repousar sobre os joelhos e olhou sorrindo para seus ouvintes. Foi então que viu o risco de sangue no chão e soltou um grito estridente:

— Olhem! É sangue!

Capítulo II

Agatha Christie

Com o grito da Sra. Ellis, Wilfred retomou a posse de suas faculdades, dominando a constrangedora sensação de paralisia.

Voltou a seu estado normal, calmo, eficiente, capaz de assumir o controle da situação.

Atravessando a sala, ajoelhou-se junto ao corpo de Dudden.

Percebia, vagamente, a presença dos outros ocupantes da sala. O Sr. Ellis, levantando-se de sua cadeira, a boca aberta, os olhos arregalados; Amy, Robert e a Sra. Ellis, todos atrás dele, esperando, olhando furtivamente, prontos a cumprir as instruções que certamente iriam em breve receber.

Wilfred procurou cuidadosamente não alterar a posição do corpo — aliás muito curiosa, conforme ele notou, quase inconscientemente. Tudo o que se fazia necessário era um exame superficial. Dudden estava morto. O sangue escorria de um ferimento no pescoço, perto do ângulo do maxilar.

O rosto de Wilfred refletiu uma curiosa expressão, ao debruçar-se sobre o cadáver. Aqueles olhos... aquele olhar fixo... algo bem singular... Mas o problema não era de sua conta. Não devia ficar imaginando coisas. Entretanto, aquilo era estranho, muito estranho mesmo.

Levantou-se.

— Está morto — declarou secamente.

— Oh! — foi o grito abafado que saiu da garganta de Amy.

Ele se voltou, mortalmente pálido, atirando-se nos braços de sua mãe.

— Calma, minha querida, calma — pedia a gorda senhora. — Procure controlar-se...

Com o braço sobre os ombros da filha, ela a levou carinhosamente para fora da sala.

Wilfred deixou escapar um suspiro de alívio, ao ver a Sra. Ellis praticamente carregando a moça no colo. Depois, seu olhar encontrou o do Sr. Ellis, que parecia estar-se recobrando do choque.

— Uma coisa terrível... terrível — balbuciou ele. — O que foi isso, meu rapaz? Suicídio, parece. Como é que acontece uma tragédia assim na casa da gente?

— Não foi suicídio — respondeu Wilfred.

— Não foi?

— Não estou afirmando que o ferimento não pudesse ter sido produzido pela própria vítima. Até que podia, embora seja improvável. Neste caso, porém, a arma ainda estaria cravada no ferimento.

— A arma?

— Sim. Ele foi apunhalado... apunhalado com uma lâmina estreita e afiada, não havendo perto dele qualquer instrumento dessa natureza. É um caso de polícia, Sr. Ellis.

— Você quer dizer que...

— Que se trata de um assassinato, sim, senhora. Assassinato! — repetiu.

— Tem certeza?

— Absoluta. O senhor deve chamar a polícia imediatamente.

— Eu... eu...

O Sr. Ellis hesitou, engoliu em seco; depois saiu da sala, cambaleando.

Wilfred chegou a pensar, arrependido, que deveria ter-se oferecido para dar o telefonema. O velho estava tão abatido que dificilmente poderia controlar seus atos, enquanto ele, Wilfred, se mantinha perfeitamente calmo e controlado. Apesar de tudo, julgava que não deveria sair da sala. Seu lugar era ali.

De repente, lembrou-se de Robert. O jovem permanecia imóvel junto ao biombo, fascinado, os olhos arregalados. O pomo-de-adão subindo e descendo, os longos dedos pálidos se entrelaçando nervosamente. Um sujeito tipicamente neurótico, pensou Wilfred, irritado.

A maneira como Robert olhava para Dudden era muito estranha, fixando-se no fio de sangue que continuava escorrendo.

A cena parecia fasciná-lo, mantendo-o como que hipnotizado. De súbito, com um convulsivo sacudir de ombros, o rapaz pareceu recobrar-se e, voltando-se abruptamente, saiu quase correndo da sala.

Wilfred experimentou uma sensação de alívio. Uma vez mais se debruçou sobre o cadáver, examinando-o cuidadosamente. Sua posição era curiosa, parecendo estar dormindo, não fosse aquele fio de sangue em seu pescoço. Mas seus olhos! Algo muito singular. Um homem antipático, com manias desagradáveis, mas ainda assim Wilfred jamais notara antes... O que deveria pensar daquilo?

Levantou a mão para afastar a mecha de cabelos que lhe caía sobre a testa e interrompeu o gesto, nervosamente.

Havia sangue em seus dedos!

Como acontecera isso? Tivera o máximo cuidado ao examinar o cadáver de Dudden, evitando tocar no ferimento.

Havia manchas escuras na aba do casaco de Dudden. Wilfred tocou nelas de leve, sentindo que estavam úmidas, com todo o aspecto de serem de sangue. De que modo elas teriam sido produzidas?

Um leve ruído fê-lo levantar a cabeça. Por um momento nada viu. A sala estava como de costume — quase indecentemente tranquila. As cartas do baralho continuavam na mesa; o livro da Sra. Ellis, com um corta-papel entre as páginas, ficara em cima de uma cadeira e uma echarpe de seda de Amy, no braço do sofá.

Tudo como de costume, da mesma maneira como ele vira centenas de vezes antes.

O ruído se repetiu e agora Wilfred o identificou. Alguém estava cautelosamente abrindo a porta. Ele esperou. De súbito, o rosto rubicundo da Sra. Hulk apareceu na fresta da porta, com uma expressão mista de temor e curiosidade. Ela ainda quis recuar, ao se dar conta da presença de Wilfred. Depois, abriu mais a porta e entrou, as mãos amarrotando o avental.

— Ele está morto, não é? — perguntou com voz abafada.

Wilfred confirmou com um aceno de cabeça. Nesse momento a campainha soou e a Sra. Hulk, visivelmente satisfeita, apressou-se

em ir atender. Ouviu-se um murmúrio indistinto de vozes e, em seguida, a da Sra. Hulk.

— Está lá dentro. O moço doutor também.

Dois homens entraram na sala. O primeiro usava o uniforme de inspetor de polícia; o segundo pareceu a Wilfred que deveria ser o médico legista — o que realmente era.

— Boa-noite — disse o Inspetor. — O senhor é o dono da casa?

— Não. A casa é do Sr. Ellis. Meu nome é Hope.

A seguir, relatou o acontecido, indicou o corpo (que o Inspetor olhou ligeiramente, sem demonstrar a menor emoção) e se propôs a ir buscar o Sr. Ellis.

— Está bem — respondeu o Inspetor. — Mas não saia de casa, Sr. Hope. Precisamos ter uma conversa mais tarde. Pode começar, Dr. Larkin.

Wilfred deixou a sala. A porta que ligava o saguão com a cozinha estava aberta e, de relance, ele viu a Sra. Ellis calma e metodicamente ajudando a Sra. Hulk a lavar a louça do jantar.

— É você, Wilfred? — perguntou ela. — A Sra. Hulk me disse que a polícia já chegou.

— Já. Querem falar com o Sr. Ellis.

— Acho que ele está na sala de jantar.

Acabou de enxugar uma xícara, pendurou o pano de prato cuidadosamente no gancho e foi ao encontro de Wilfred no saguão.

— Como está Amy?

— Coloquei-a na cama, a coitadinha, e dei-lhe um sedativo. Foi um choque terrível para ela. Está completamente abalada. Amy sempre foi muito sensível. A polícia não vai interrogá-la, você não acha?

— Provavelmente não.

— O pai está aqui — disse a Sra. Ellis, abrindo a porta da sala de jantar.

O Sr. Ellis estava sentado em uma cadeira junto à janela, com o rosto escondido nas mãos. Levantou-se nervosamente, quando os dois entraram.

— O que há? Eu...

— É a policia, meu bem. Acaba de chegar.

— Ah, sim! É claro! Eles querem saber o que foi que aconteceu, não é mesmo? Precisam fazer perguntas...

— Naturalmente perguntarão quando foi que o senhor viu Dudden pela última vez, vivo, é claro. E por falar nisso, quando foi?

— No jantar — respondeu a Sra. Ellis. — Fomos tarde para a mesa... O pai atrasou-se hoje.

— Nós todos estávamos na mesa, quando ele saiu — informou o Sr. Ellis.

— Saiu?

— Exatamente. Levantou-se de repente e foi embora. Até bateu com a porta da frente. Havia algo estranho com ele esta noite, você não achou, meu bem?

— A gente sempre é levada a pensar coisas, depois que tudo já aconteceu — replicou a Sra. Ellis.

— A que horas ele saiu? — perguntou Wilfred.

— Não tenho certeza. Deve ter sido lá pelas 9:15.

— E ninguém aqui o viu novamente? — comentou Wilfred. — Nem se sabe a que horas ele voltou para casa?

A Sra. Ellis sacudiu a cabeça negativamente.

— E os outros? O que fizeram?

— Bem... Ficamos sentados em torno da mesa durante mais algum tempo... talvez uns 10 minutos. Depois, fomos para o salão.

— E ninguém deixou a sala de jantar durante aqueles 10 minutos?

— Ficamos todos ali — respondeu imediatamente a Sra. Ellis.

— Papai, é melhor você ir andando. A polícia está à sua espera.

O Sr. Ellis retirou-se apressadamente. Wilfred ficou pensando se fora uma impressão falsa de sua parte ou se realmente houvera um ar de espanto no rosto do Sr. Ellis, ante a declaração de sua mulher. Será que ele teria dado uma resposta diferente?

— A Sra. Hulk deve ter visto quando Dudden voltou para casa — arriscou Wilfred.

— Possivelmente, mas não esqueça que ele tinha a chave e não precisava tocar a campainha.

— De qualquer modo, farei essa pergunta para ela.

A Sra. Ellis não apresentou qualquer objeção e Wilfred deixou a sala, decidido a interrogar a Sra. Hulk. Todavia, ao cruzar o saguão, ouviu umas batidas na porta da frente e foi abri-la. No lado de fora estava um sujeito que ele sempre conhecera como “o nosso vizinho bexigoso”, porque a Sra. Ellis certa vez dissera que o Sr. Parsons, o proprietário de Swallow-Cliffe, tivera varíola e o apelido pegara.

De tão excitado, o Sr. Parsons parecia mais marcado do que nunca, chegando até a gaguejar.

— Não reparem. Queiram desculpar, mas é verdade mesmo que houve um assassinato aqui? Ouvi a notícia de boa fonte, mas nem quis acreditar.

— Pois é verdade — replicou Wilfred secamente, disposto a bater com a porta na cara do importuno visitante.

— Foi o Sr. Dudden, segundo me disseram.

— Foi.

Desta vez Wilfred começou realmente a fechar a porta, mas o Sr. Parsons avançou um passo e se colocou de permeio.

— Perdoe se parece que estou me metendo, mas é que tenho uma informação a prestar, aliás, uma valiosa informação.

— E qual é?

— Vi o assassino... Estou convencido de que o vi. Eram 9:20, lembro-me perfeitamente. Eu estava debruçado na janela de meu gabinete. Um sujeito grandalhão... não pude ver distintamente, mas estou certo de que era um homem, possivelmente bêbado. Entrou pelo portão do jardim e arroudeou a casa de um modo que só posso classificar de suspeito. Dez minutos mais tarde, apareceu de novo, sempre andando às escondidas. Um tipo muito esquisito, certamente bem conhecido da polícia, talvez mesmo membro de alguma quadrilha.

Wilfred ficou imaginando que toda aquela história não passava de fantasia, mas a convicção do Sr. Parsons acabou por convencê-la — Está bem. Vou transmitir tudo isso ao Inspetor. Fico-lhe muito grato pela colaboração.

— Não há de quê. Apenas cumpri meu dever.

— Sem dúvida. A propósito, o Sr. Dudden saiu às 9:15, não foi? Por acaso o senhor viu a que horas ele voltou?

— Não, não vi. Também não o vi sair. Tenho absoluta certeza de que o Sr. Dudden não se afastou da casa esta noite. A janela de meu gabinete, compreende?

— Talvez o senhor não tivesse notado.

O Sr. Parsons reagiu francamente indignado.

— Eu noto tudo, entendeu? Tudo! Nada me escapa. Eu mesmo me treinei na técnica de observação. Posso garantir-lhe que noto tudo. Vi até mesmo quando acenderam a luz do banheiro... uma coisa um tanto estranha àquela hora da noite...

— Peço-lhe que desculpe — interrompeu Wilfred delicadamente.

— São informações muito importantes e... como direi?... detalhadas. Transmitirei aos Ellis.

— Se eu puder ser útil em alguma coisa... — insistia o Sr. Parsons.

— Obrigado — apressou-se Wilfred em responder — mas não creio que haja mais nada. A polícia, como o senhor sabe, se encarrega de deslindar tudo.

Afinal, conseguiu fechar a porta, muito intrigado com o que ouvira do Sr. Parsons. Depois de uns instantes de reflexão, dirigiu-se para a cozinha. A Sra. Hulk encontrava-se lá, sozinha.

Wilfred começou por perguntar se ela sabia a que horas Dudden havia retornado. A resposta dela foi irritada.

— Sei lá! Como vou adivinhar? Ele tinha chave.

— Ele saiu, não foi?

— É claro que saiu. Bateu com a porta como se fosse derrubar a casa. Grosseiramente, se o senhor quer saber. Fez isso mais de uma vez.

— Veio alguém aqui esta noite?

— O que o senhor quer dizer com “veio aqui”?

— Bem... Parece que foi visto um homem rondando a casa e indo até a porta dos fundos... Um sujeito grandalhão...

A Sra. Hulk ficou muito vermelha.

— Onde o senhor quer chegar com suas insinuações?

— Insinuações? Não estou entendendo...

— O senhor falou em um sujeito grandalhão, não falou? Sim, foi mesmo o meu marido. Pedindo dinheiro, como sempre. Tive de dar-

lhe a metade de meu salário, para que ele fosse embora. Está cada vez pior. Não foi a primeira vez.

Wilfred tranquilizou-a, reafirmando-lhe que não fizera qualquer insinuação.

O assunto pareceu ter ficado suficientemente esclarecido.

De repente, lembrando-se da observação de Parsons a respeito da luz no banheiro, Wilfred resolveu averiguar e, como obedecendo a um impulso, correu escada acima. A porta do banheiro estava aberta e ele entrou. Não havia nada de luxuoso; era uma peça comum da casa, talvez pequena demais e de aspecto desagradável. O papel da parede estava despregando em alguns lugares. Wilfred fez uma rápida inspeção. Nada viu de extraordinário. Na verdade, o que esperava encontrar? Foi ao sair que notou umas manchas escuras no linóleo embaixo da pia. Ele parou, abaixou-se e tocou uma delas com a ponta do dedo. Seu rosto tornou-se muito pálido. As manchas eram de sangue... Nesse momento, ouviu alguém que o chamava. Era a Sra. Hulk:

— A polícia quer falar com o senhor lá na sala.

Wilfred desceu as escadas mecanicamente, as idéias baralhando-lhe na cabeça. Na sala, encontrou o Inspetor sentado à mesa. O médico estava em pé, junto à janela.

— Muito bem, Sr. Hope. Gostaria de trocar algumas palavras com o senhor.

— Às suas ordens, embora me pareça que não poderei acrescentar muita coisa ao que o senhor já sabe.

— Tivemos um relato completo feito pela Sra. Ellis, mas há um ou dois pequenos detalhes que o senhor talvez nos possa esclarecer.

— É claro que terei a máxima satisfação se lhe puder ser útil.

— Obrigado. Esta caixa, por exemplo — disse o Inspetor, colocando-a um tanto teatralmente em cima da mesa. — O senhor a reconhece, pois não?

— Evidente que a reconheço. É minha.

— Um estojo de instrumentos cirúrgicos?

— Sim.

— O senhor o trouxe para cá quando?

— Ontem, se não me engano. Devo tê-lo esquecido.

— Entendo. Estava completo? Não faltava nenhuma peça?

Wilfred ficou olhando para ele, sem entender.

— É claro que estava completo. É praticamente novo.

— Não faltava nada, mesmo? Tem certeza?

— Absoluta.

— Pois há alguma peça faltando — disse o Inspetor, abrindo o estojo. — Um dos bisturis não está no lugar, Sr. Hope.

Estarrecido, Wilfred sentiu o olhar do Inspetor fixado nele. O que significava aquele olhar severo? Suspeita?

Uma desagradável sensação de mal-estar apossou-se dele.

Capítulo III

Dorothy L. Sayers

— Falta um bisturi? — gaguejou Wilfred. — O senhor... o senhor tem certeza?

Como resposta, o Inspetor abriu o estojo, mostrando uma fileira de instrumentos cirúrgicos, cada um devidamente encaixado em seu lugar e preso por uma correia de couro. Havia uma coleção de bisturis, arrumados lado a lado, como agulhas em um estojo. O lugar do bisturi do centro estava vazio.

— Oh! É isso? — perguntou Wilfred, o mais despreocupadamente que pôde. — Aquele bisturi... Agora, estou-me... Não tenho bem certeza onde foi, mas o deixei em algum lugar. Não quer dizer que esteja faltando. Talvez eu o tenha deixado na sala de autópsias, ou que o tenha emprestado ao colega que trabalha comigo. Ele vive pedindo coisas emprestadas. Bem... Vou dar um jeito nisso quando falar com ele de novo.

— Obrigado, senhor. Isso nos ajudará bastante. Não queremos perder tempo procurando agulha em palheiro, o senhor entende — disse o Inspetor Rice, com uma risadinha despreocupada, embora, para Wilfred, o gracejo tivesse um tom sarcástico e desconfiado.

— Continuemos, Sr. Hope. Pelo que sei, o senhor foi a primeira pessoa a examinar o corpo e foi logo afirmando que se tratava de um assassinato. O que foi que lhe deu essa certeza, Sr. Hope? O ferimento está de tal maneira localizado que bem poderia ser um suicídio. Não é o caso como, por exemplo, de uma punhalada nas costas.

— Naturalmente que não — replicou Wilfred, cômico de que o médico-legista o observava com divertida atenção — Talvez eu tenha falado um tanto precipitadamente... Mas a direção do ferimento e o fato de não haver qualquer arma à vista... Acho que foi isso que influiu em meu espírito...

— Então não houve nada de particular? O senhor não tinha razões para supor que alguém tivesse um motivo para matar esse... Como é o nome dele? Ah! Esse Sr. Dudden?

— Santo Deus, não! — apressou-se Wilfred em responder.

— O senhor, pessoalmente, mantinha boas relações com ele?

— Na verdade, eu não o conhecia muito bem — replicou Wilfred.

— Éramos conhecidos que se tratavam cordialmente, entende?

— Perfeitamente. E o senhor teve conhecimento de qualquer desentendimento dele com alguma pessoa da casa?

Wilfred lembrou-se das impressões do Sr. Ellis, porém respondeu mais apegado às palavras do que ao espírito dessas impressões:

— Nunca vi nem ouvi qualquer manifestação menos amistosa por parte de qualquer membro da família.

— Entendo, entendo. Todos muito amigos. O senhor está noivo da Srta. Ellis, não é verdade?

— Sim, estou — replicou Wilfred, um tanto petulantemente.

— Ah, sim! A moça deve ter sofrido um grande choque. Por acaso o senhor sabe quais eram os sentimentos do Sr. Dudden com relação à Srta. Ellis?

A pergunta foi formulada tão súbita e astutamente que tomou Wilfred de surpresa, fazendo com que ele escondesse seu embaraço em uma risada constrangida.

— Seus sentimentos? Ora, vamos Inspetor, ele não iria confidenciar seus sentimentos para mim, não acha? É claro que admirava a Srta. Ellis. Creio que não há quem não a admire.

— Estou plenamente de acordo com o senhor — replicou o Inspetor, acentuando o tom de gravidade da voz. — Bem, Sr. Hope, o senhor recomendou ao Sr. Ellis que tudo fosse deixado como estava e que chamassem a polícia. Tudo muito lógico e correto. O Sr. Ellis foi dar o telefonema, não foi? Bem. O senhor pode nos dizer onde ficou o restante da família nessa ocasião?

— A Srta. Ellis se sentiu mal e a Sra. Ellis levou-a para o quarto no andar de cima. Robert ficou comigo.

— Todo o tempo?

— Não, todo o tempo, não. Ele deu uma saída, mas não sei aonde foi.

— Alguém mais entrou aqui?

— A cozinheira, Sra. Hulk, esteve aqui na sala por uns instantes, pouco antes de o senhor chegar, mas logo se retirou para lhe abrir a porta.

— Entendo. Primeiro, o senhor Robert... depois, o senhor sozinho... depois, em companhia da Sra. Hulk. Nós demoramos uns 10 minutos, após o telefonema, não lhe parece, doutor? Digamos um quarto de hora. Então o senhor esteve sozinho com o corpo durante uns cinco ou seis minutos, não é verdade, Sr. Hope?

— Foi mais ou menos assim — admitiu Wilfred. Sua boca estava seca e as palavras eram pronunciadas com certa dificuldade. — Eu era a pessoa mais indicada para ficar. Sou um estudante de medicina, como o senhor sabe. Não fico chocado com a presença de um cadáver, o que não acontece com muita gente.

— Foi o que pensei. O senhor, durante aqueles cinco ou seis minutos, fez alguma tentativa para encontrar a arma?

— Não, nenhuma. Apenas fiquei na sala. Não toquei em nada.

— Seria muito bom se todos procedessem com tanto critério — disse o Inspetor amavelmente. — Vejamos agora a primeira parte da noite. O senhor chegou mais ou menos às 10 horas, não foi?

— Sim, senhor. A cozinheira me abriu a porta e vim aqui para a sala, onde estava toda a família. Tenho absoluta certeza de que ninguém se levantou da cadeira até o momento em que o corpo foi encontrado. A Sra. Ellis estava lendo em voz alta...

O Inspetor o interrompeu:

— Espere um momento — disse ele, olhando para o corredor. — Quem é o senhor e o que deseja?

Uma pequena figura avançou mais para o interior da sala e Wilfred, com uma boa dose de irritação, reconheceu o persistente Sr. Parsons.

— Peço mil desculpas, Inspetor. Espero que não esteja me intrometendo. A porta da frente estava só com o trinco, de modo que pude entrar sem incomodar ninguém. Achei que o senhor gostaria de ouvir pessoalmente o meu depoimento, embora este jovem com certeza já lhe tenha falado a respeito de tudo o que vi.

— Até agora ele não fez qualquer referência ao senhor — disse o Inspetor, dirigindo um olhar interrogativo a Wilfred.

— Ia justamente repetir-lhe o que ele me contou, Inspetor, tão logo o senhor me desse oportunidade — explicou Wilfred apressadamente. — Tanto assim que já tinha falado com a Sra. Hulk e perguntado sobre o que ele me contou. Uma vez que tudo ficou esclarecido, não me apressei em interromper o interrogatório que o senhor fazia.

— Acho que cabe a mim julgar essas prioridades, senhor — disse rispidamente o Inspetor, voltando-se a seguir para o Sr. Parsons, que imediatamente desandou a falar sobre o sujeito que ele vira rondando a casa.

— Hum... — resmungou o Inspetor Rice. — É uma pena que eu não tivesse sabido disso antes.

— Mas, senhor, com sua licença — disse Wilfred. Sentindo sua posição enfraquecida, ele tratou de apresentar a explicação da Sra. Hulk e prosseguiu:

— Afinal de contas, Inspetor, não vejo o que isso possa ter com o caso. Dudden não estava fora da casa às 9:30 e, se foi assassinado a essa hora, o sangue já estaria coagulado muito antes das 10:25, quando o vi escorrendo por baixo do biombo. Naturalmente, o linóleo estava encerado e o soalho não muito plano, o que teria facilitado o escoamento do sangue; além do mais a sala estava muito aquecida. Mesmo assim, o chão é a parte mais fria e o sangue deve coagular dentro de uns 15 minutos, mais ou menos... quero dizer...

Interrompeu-se bruscamente, ao perceber, tarde demais, para onde o estava levando aquela demonstração de conhecimentos da ciência médica.

— Exatamente — disse o Inspetor com o ar triunfante de quem vê funcionar a mola da armadilha — mas o senhor não vê que, assim, a hora do crime passa a ser às 10:10? Entretanto, o senhor me afirma que estava, em companhia de toda a família, sentado nesta sala desde as 10 até às 10:25. Como explica isso?

— Tem razão — admitiu Wilfred, desconsoladamente. — Na verdade, não sei explicar. Deve ter sido antes, é claro que deve.

O Dr. Larkin se mantinha sorridente.

— De qualquer maneira, não é necessário presumir que a vítima tenha morrido imediatamente após a punhalada. Um fluxo constante de sangue quente ajudaria a retardar a coagulação.

— É claro que ajudaria — respondeu Wilfred. A armadilha não era real, não passava de um blefe. O Inspetor pelo menos nada ganhara com ela.

Entrementes, o Sr. Parsons não tirava os olhos do cadáver, com evidente interesse.

— Parece mentira — resmungava ele — como as coisas se apresentam de maneira estranha. Um homem tão grande e bastou um pequeno ferimento para matá-lo. A morte tem várias portas para roubar a vida, como disse o poeta. Não tão largas como as de uma igreja, mas o bastante para serem utilizadas. Shakespeare, não é? E nem o menor sinal de luta. Pensavam que ele estava morrendo, quando apenas dormia, e dormindo, quando já estava morto. Não me lembro quem foi que escreveu isso. Realmente, um estranho lugar, esse onde foi encontrado, não acham? Mas ele não foi carregado para lá; estava sentado ou mesmo em pé ali, quando foi ferido, e apenas caiu de bruços; pode-se ver pela maneira como o sangue escorreu diretamente, sem se espalhar. Até pareço um Sherlock Holmes, não é verdade? Imagino que este salpico no biombo aconteceu quando houve o primeiro esguicho de sangue. Que pena! Correu pelo chão e manchou um tapete tão bonito! Não faço idéia de qual a razão para que ele estivesse se escondendo atrás do biombo!

— É justamente o que ainda não sabemos — concordou o Inspetor.

— Se ele não morreu logo — continuou o homenzinho — por que não gritou ou não tentou arrastar-se para fora do biombo? O senhor vai perdoar minhas intromissões, mas isto tudo é tão interessante! Sou muito observador. Nenhum ser humano é indiferente para mim, como dizia Horácio... Acho que foi Horácio, não foi? Bem. Ele deve ter adormecido, o senhor não acha, Inspetor? E dormido muito profundamente.

O Inspetor e o Médico se entreolharam, e Wilfred ficou imaginando se os dois também teriam notado a estranha contração das pupilas do cadáver.

— Saberemos mais alguma coisa a esse respeito — esclareceu Rice — quando determinarmos exatamente quando e como ele chegou aqui.

— Ora, a esse respeito eu posso ajudar, Inspetor — exclamou o Sr. Parsons, muito excitado. — Meu Deus! Como estou contente por ter vindo. Estou vendo que posso ser muito útil, afinal. Agora que vi o corpo caído assim perto da janela, posso garantir que não há hipótese de ele ter estado aqui antes das 9:25. Espere... Vou explicar por que tenho essa certeza. É que, depois do jantar, dei uma saída para colocar uma carta na caixa do correio na margem da estrada e, quando passei por aqui, notei... sempre noto as coisas que acontecem... notei que se acendiam as luzes da sala e alguém corria as cortinas. Tenho certeza quanto à hora, porque olhei no meu relógio para ver se ainda apanhava a coleta das 9:30, e meu relógio sempre está certo, porque confiro com o sinal do rádio. Assim, o pobre sujeito não poderia estar aqui às 9:25, pois a pessoa que correu as cortinas o teria visto, não é mesmo?

— Deve ter sido a Sra. Hulk, acho eu — sugeriu Wilfred. — Quer que eu a chame?

— Não, obrigado — replicou o Inspetor, amavelmente, mas com firmeza. — Prefiro ir pessoalmente falar com ela.

Rice dirigiu-se para a cozinha, deixando o Sr. Parsons expondo suas teorias ao Dr. Larkin. Wilfred acompanhou o Inspetor, mas, no caminho, encontrou a Sra. Ellis no saguão e pediu notícias de Amy.

— Acabou de pegar no sono, a coitadinha. Ela está simplesmente atordoada pelo golpe. Tudo aconteceu tão subitamente... Já nem sei onde tenho a cabeça. O que devemos fazer? Será o caso de velório? O Sr. Dudden não tem parentes e... infelizmente ninguém gostava dele... Mas morrer desse jeito, em nossa casa... Oh, meu Deus! Tinha mandado fazer um vestido preto que deve ter ficado pronto hoje. A Srta. Pettigrew disse que viria trazê-lo esta noite. Acho que eu devia usá-lo, mas não sei se ela o trouxe. A Sra. Hulk com certeza sabe. Vou perguntar a ela.

— Acho que é melhor a senhora não procurar a Sra. Hulk agora — aconselhou Wilfred. — O Inspetor a está interrogando na cozinha.

— É mesmo? — A Sra. Ellis juntou as mãos em um gesto quase de desespero. — O que será que ele vai perguntar? Bem. Pelo menos ele não está importunando Amy, mesmo porque eu não deixaria. É melhor voltar para junto dela.

Subiu penosamente as escadas, com uma nova expressão de terror.

Entrementes, o Inspetor Rice arrancara da Sra. Hulk toda a história da presença de seu marido em torno da casa e passara ao segundo ponto do interrogatório.

— Não me lembro exatamente quando foi que corri as cortinas — respondeu a Sra. Hulk, interrompendo a tarefa em que estava empenhada, de cortar a carne para preparar um guisado, ficando a faca na madeira, enquanto puxava pela memória. — Deve ter sido mais tarde do que habitualmente, pois o jantar foi servido atrasado. Se o vizinho disse que eram 9:25, não sou eu quem vai desmenti-lo.

— Se nessa ocasião o Sr. Dudden estivesse sentado ou deitado atrás do biombo, a senhora teria notado?

— Bem, quanto a isso... — A Sra. Hulk olhou firmemente para o Inspetor — tanto poderia dizer que sim ou que não. É que, quando as luzes estão acesas, fica uma sombra muito escura atrás do biombo, como o senhor pode verificar.

— Quer dizer que a senhora não viu o corpo?

— Bem... Não, não vi o corpo mas, pensando melhor, acho que ouvi uma espécie de respiração ofegante. Entretanto, não dei muita importância ao fato, julgando que fosse o velho Grip.

— Quem é Grip?

— O buldogue — explicou a Sra. Hulk. — Ele costuma respirar assim, por causa daquele focinho achatado. Dizem que é normal.

— Entendo — disse o Inspetor, anotando mentalmente que teria de investigar os movimentos de Grip, juntamente com os de todos os membros da família. — Muito bem, Sra. Hulk, agora me mostre o banheiro de que tanto falaram.

— Logo à direita no topo da escada, senhor. Não tem como errar. Do saguão, embaixo, já se pode ver a porta.

O Sr. Parsons já estava subindo a escada e Wilfred o acompanhava, em parte porque não confiava nele e em parte porque queria ver o que o Inspetor faria quando visse as manchas de sangue no chão do banheiro. Todavia, quando a porta foi aberta, Wilfred se deu conta de que haviam chegado tarde demais.

As manchas tinham desaparecido — e recentemente, pois o chão mostrava sinais de haver sido lavado pouco antes. O fato não escapou ao olhar atento do Inspetor.

— Parece que alguém andou lavando este chão. Quem teria feito isso?

— Talvez o moço aí possa informar — sugeriu o Sr. Parsons, um tanto maliciosamente. — Ao entrar, quando vim falar com o senhor, reparei que ele saía por esta porta.

— Isto é uma insinuação grosseira — exclamou Wilfred, sentindo que, se os assassinatos ficassem na moda, ele gostosamente esgoelaria o Sr. Parsons. — Jamais toquei no chão deste banheiro. Não tenho nada a ver com isso.

O Inspetor se manteve em silêncio, preocupado em examinar uma fileira de frascos no armarinho acima da pia — aspirinas, pó para escovar dentes, sais, quinino amoniacado e outros artigos de toucador. Depois, sua atenção foi despertada por um armário maior. Ao abri-lo, deparou com uma grande prateleira atulhada de frascos, caixas, livros, latas, bibelôs quebrados — um verdadeiro depósito de coisas velhas e inúteis. O Inspetor vasculhou aquelas quinquilharias e finalmente encontrou uma caixa preta envernizada.

Era do tipo das que foram fornecidas aos oficiais médicos, durante a guerra, com diversas espécies de drogas, muitas das quais altamente tóxicas, contidas em frascos, com rótulos bem visíveis. Um desses frascos — que o Inspetor logo retirou da caixa — tinha em seu rótulo a palavra MORFINA em letras vermelhas e a metade de seu conteúdo já fora consumida.

A fisionomia do Inspetor traduzia sua preocupação, quando foi ao encontro do Sr. Ellis, que se achava sentado na sala de jantar, tendo Grip a seus pés. O Sr. Ellis confirmou imediatamente que a caixa era dele. Ganhara-a como lembrança de seu trabalho em um depósito do Exército. Oh, sim! Todos sabiam de sua existência; achava,

porém, que a caixa nunca fora sequer tocada durante os últimos anos. Se o Inspetor afirmava que ela parecia ter sido manuseada recentemente, a única hipótese que lhe ocorria era de alguém ter feito uma faxina no banheiro. A Sra. Hulk deveria saber. Nenhuma das drogas jamais fora utilizada, pelo menos que ele soubesse.

O Inspetor chamou-lhe a atenção para os tabletes de morfina, que estavam faltando. O Sr. Ellis empalideceu e pareceu ficar ainda menor e mais curvado.

— Ah, sim! — disse ele, visivelmente constrangido. — Agora me lembro. Acho que usei uns tabletes, já faz muito tempo... para... para matar um cachorro... Foi isso.

— Ora, que cachorro é esse? — perguntou o Sr. Parsons, que não arredara pé de junto do Inspetor. — Nunca ouvi falar de cachorro nenhum, a não ser Grip, e somos vizinhos desde o tempo da guerra. É engraçado o senhor ter um animal em casa e eu não notar! E logo eu, que tenho o orgulho de notar tudo o que acontece!

— O cachorro não era meu — disse o Sr. Ellis, em tom nada convincente. — Era... pertencia a um amigo meu. Um pequinês — acrescentou, confiando no reforço do detalhe. — Tinha uma orelha gangrenada o pobre animal.

— Bem, devo apreender a caixa — disse o Inspetor, embrulhando-a cuidadosamente e guardando-a no bolso. — Terei de mandá-la para o laboratório, a fim de verificar se há impressões digitais.

— Mas o homem não foi envenenado, foi, Inspetor? — perguntou o Sr. Ellis, espantado.

— Nada se pode dizer definitivamente sem a autópsia. E, agora, eu gostaria de trocar umas palavras com o Sr. Robert Ellis.

O jovem devia ter ido para seu quarto e, quando chamado por Wilfred, apareceu em mangas de camisa. Wilfred, lembrando-se dos gestos dissimulados de Robert, quando estava sentado na sala, olhou detidamente para os punhos de sua camisa, que não estavam muito limpos, certamente, mas as manchas que havia neles eram sem dúvida produzidas por tinta comum, que ele não fazia questão de esconder.

O depoimento de Robert não foi de qualquer utilidade. Ele não sabia de nada e, até o momento em que o corpo fora descoberto, pensara que Dudden havia ido ao clube. A vista do sangue o fizera sentir-se mal — era muito sensível sob este aspecto — e se via obrigado a ir para o quarto e deitar-se.

Realmente, sua fisionomia estava tão horrivelmente pálida e desfigurada, que o Inspetor piedosamente o dispensou.

— Bem, agora — disse o Inspetor Rice, depois que o Dr. Larkin se retirou, seguido relutantemente pelo Sr. Parsons — parece-me que, como há alguns vultos suspeitos rondando a casa, é melhor eu passar a noite aqui. Não é preciso incomodar a Sra. Ellis. Basta um lugar onde eu possa esticar as pernas. Assim, estarei a postos em caso de necessidade.

Wilfred ficou admirado por ninguém ter protestado, embora nenhum membro da família demonstrasse simpatia pelo Inspetor.

Todos se limitaram a trocar impressões em voz baixa, enquanto o Inspetor dava um telefonema.

— Está tudo bem — concluiu Rice, satisfeito. — Vão mandar buscar o corpo mais tarde. Todos ficarão mais descontraídos, depois disso.

— Eu posso ir para casa? — perguntou Wilfred, sem muita esperança.

— Mas claro! — replicou o Inspetor. — Peço apenas que me deixe seu endereço. Posso precisar de sua presença pela manhã.

Wilfred deu o endereço, despediu-se carinhosamente do Sr. e da Sra. Ellis e dirigiu-se pesarosamente para a porta. Na rua, teve a impressão de que alguém ou alguma coisa seguia atrás dele, em meio à chuva e à escuridão, acompanhando-lhe os passos até a porta de sua casa.

O Sr. Parsons, que também se retirara, não fora para a cama, tendo permanecido no portão da frente, fumando e observando, até a rua ficar completamente deserta. Viu quando se apagaram as luzes na casa dos Ellis — todas, exceto uma no primeiro andar, que deveria ser a do quarto de Amy, e outra na sala de estar, onde o Inspetor Rice vigiava.

Cerca de uma hora da madrugada, um furgão preto estacionou em frente à casa. Saltaram quatro homens trazendo uma padiola e entraram; pouco depois saíram, carregando um fardo envolto em pano preto, que colocaram no furgão. O motor foi ligado e o veículo se afastou.

O Sr. Parsons ainda permanecia em seu posto. Notou que alguma coisa se movia sob as árvores molhadas, cujos galhos se debruçavam por cima do muro do jardim. Por fim, um vulto escuro aproximou-se.

— Diga-me uma coisa, chefe — murmurou uma voz cava.

— O que é? — perguntou o Sr. Parsons.

— Aquilo era da polícia, não era? Ele já fez o serviço, não?

— Quem fez que serviço?

— O Sr. Robert. Foi ele quem resolveu tudo.

— Por quê? — insistiu o Sr. Parsons. — O que leva você a pensar assim? O que sabe a respeito do crime?

— Eu? Nada, chefe, não sei de nada, mas olhe aqui. Quando botar os olhos nela... na Sra. Ellis, entende?... diga-lhe que não foi culpa aqui do papai. Ele não apareceu. A madame vai compreender. Basta dizer-lhe isto: Ele nunca apareceu.

Capítulo IV

No Vaso De Folhagens

Anthony Berkeley

O Inspetor Rice não pretendia passar a noite dormindo, mas, como ninguém iria acreditar nisso, foi com a máxima precaução que ele subiu a escada, à 1:15, pé ante pé, fechando cuidadosamente a porta do quarto. Depois, sentou-se na única cadeira existente no aposento e preparou-se para uma hora de meticoloso raciocínio.

Segundo as notas que tomara de quando em vez, tudo o que o Inspetor pensara até então se resumia em interrogações.

- O criminoso morava na casa ou era alguém de fora?
- Neste caso, como entrara?
- A família contara tudo o que sabia?
- Ela estava escondendo algum de seus membros?
- Aquele estudante Hope...
- Por que a Srta. Ellis não quis falar comigo?
- Quem lavou o chão do banheiro?
- Por que a Sra. Hulk estava cortando carne tão tarde?

O Inspetor releu o último item, coçou a cabeça e sublinhou cada uma das palavras.

Depois, consultou o relógio. Faltavam 20 minutos para as duas.

Começou, então, a relacionar o horário dos acontecimentos da noite, procurando dados entre as páginas de seu caderno de notas.

9:15 — Dudden se levanta da mesa. Ouve-se a batida da porta.

9:20 — Hulk é visto junto à porta dos fundos.

9:25 — A Sra. Hulk corre as cortinas.

9:28 — A família entra na sala.

9:30 — Hulk é visto retirando-se.

10:00 — Hope chega.

Com a fisionomia carregada, o Inspetor estudou o que escrevera. A dificuldade era evidente. Admitindo que a Sra. Hulk não poderia

quase tropeçar no corpo sem vê-lo, o horário mostrava que sobravam apenas três minutos para que Dudden fosse apunhalado e escondido atrás do biombo. Isso talvez fosse possível, mas seria provável? Em outras palavras: o horário merecia confiança?

O Inspetor molhou nos lábios a ponta do lápis e rapidamente incluiu mais três perguntas na lista:

— Onde se encontrava Dudden entre 9:15 e 9:28?

— A Sra. Ellis falara a verdade, quando declarou que ninguém deixara a sala?

— Quais os que não estavam mentindo?

Pensou por uns instantes, depois escreveu, com maiúsculas, já desanimado, uma última frase:

— SÃO TODOS ELES CÚMPLICES?

Como se isso nada adiantasse, ele fechou o caderno de notas e se recostou na cadeira, as mãos afundadas no bolsos.

Testemunhas independentes — era isso o que ele precisava, mas, exceto o vizinho nervoso e sabe-tudo, o tal de Parsons, não havia mais nenhuma.

Ocorreu-lhe uma idéia. E aquela costureira que deveria trazer o vestido? Teria mesmo vindo? Não se lembrava. Mas se a resposta fosse afirmativa, talvez tivesse visto alguma coisa. Iria verificar esse detalhe na manhã seguinte. Outra idéia: as probabilidades indicavam que a morte ocorrera depois das 10 horas. Hope havia chegado a essa hora. Isso teria ou não algum significado? Se tivesse, deveria haver uma ligação muito íntima entre o estudante de medicina e o cidadão Dudden.

Tirou do bolso novamente o caderno de notas e registrou: Hope — Amy Ellis — Dudden. Pergunta: alguma conexão?

Levantou-se, abriu a porta do quarto, escutou durante um minuto pelo menos e depois dirigiu-se no escuro para a escada, cuja posição guardara na memória. Iria procurar, sem ser estorvado, aquele maldito bisturi. O tempo se escoou rapidamente.

Às 2:15 já havia vasculhado a sala; às 2:30, a cozinha. O bisturi continuava desaparecido. Estava prestes a passar para a copa, quando um ruído no andar de cima o imobilizou. Alguém estava descendo a escada. Em três passadas silenciosas, o Inspetor Rice

alcançou o interruptor e apagou a luz da cozinha; mais cinco passadas e já entrava de volta na copa, deixando a porta da cozinha entreaberta. É que os passos, chegando ao saguão, haviam indiscutivelmente tomado a direção da cozinha. No instante seguinte, a porta do saguão foi aberta e, logo após, fechada devagar, acendendo-se as luzes. Espiando pela fresta da porta da copa, o Inspetor Rice podia ver claramente o intruso.

Era Robert Ellis. Estava de pijamas, os pés descalços, e evidentemente apavorado. Em uma das mãos levava um embrulho, que ele apertava com força. Hesitou um momento, bem perto da porta, como procurando ouvir algum ruído; depois se dirigiu apressadamente para o forno. Antes, porém, que pudesse levar a cabo sua óbvia intenção de atirar o embrulho no meio das brasas, o Inspetor correu e arrancou-o das mãos.

— Obrigado, Sr. Ellis — disse ele amavelmente. — Acho que talvez seja melhor eu ficar com isto.

Rasgou o papel. Era uma camisa de algodão e o Inspetor notou que os punhos estavam manchados de sangue.

— Como o senhor explica isto? — perguntou asperamente, apontando para as manchas.

Por um momento pareceu que Robert não teria forças para replicar. Seu rosto estava lívido e todo o corpo tremia tão violentamente que os dentes batiam. De súbito, recobrou a voz.

— Eu... eu toquei nele! — exclamou histericamente. — Antes que o senhor chegasse aqui. Quando estávamos olhando, para ver se ele estava morto. Foi assim.

— Então por que quis queimar a camisa?

— Porque a vista do sangue me dá tonturas. Não posso suportá-lo. Tenho vontade de vomitar. É horrível. Não vestiria esta camisa outra vez nem por um milhão de libras. A única coisa a fazer era queimá-la. Já lhe disse. Não posso ver sangue — sua voz tornou-se um sussurro. — Que mais poderia eu fazer senão queimá-la?

— Compreendo — disse o Inspetor pacientemente, contemplando aquele farrapo humano. — Bem, agora é melhor que você volte para a cama, meu rapaz. Pode apanhar um resfriado, com esses pés descalços, se não tomar cuidado. Aparentemente atônito por

não ter sido preso, julgado, condenado e enforcado desde logo, Robert bocejou, sorriu constrangidamente e se retirou. O Inspetor voltou a embrulhar a camisa.

— Com que então, era este rapazinho, afinal? — disse para si mesmo. — Não acreditaria, se não tivesse visto. Não é de admirar que todos mentissem para salvar-lhe a pele. Bem. Não deverá ser difícil apurar a verdade agora. Esta camisa foi realmente um golpe de sorte.

Se fosse verdade, seria o único acontecimento a recompensar os esforços do Inspetor naquela noite. Duas horas mais tarde, quando ele se acomodou desconsoladamente sobre duas poltronas, na sala, deixando a porta aberta para um repouso de duas ou três horas, o bisturi ainda continuava desaparecido. O Inspetor Rice não tinha a menor dúvida de que se tratava da arma com que o crime fora cometido.

Uma leve batida na vidraça da janela, pouco antes das 7:30, despertou-o imediatamente. O Sr. Parsons estava espiando através do vidro e, enxergando o Inspetor, fez sinais de que queria falar com ele. Sob a claridade da manhã radiosa, as marcas no rosto do homenzinho pareciam ainda mais acentuadas.

Reprimindo uma exclamação de enfado, o Inspetor abriu a janela.

— Desculpe, senhor, mas não posso permitir que a esta hora...

— Tenho novidades, Inspetor — começou o Sr. Parsons, em voz baixa, vibrando de excitação. — Novidades realmente importantes. Estava certo de que encontraria o senhor na cena do crime. Instintivamente! Sou assim. O senhor se lembra de minha sugestão de que aquele tal de Hulk poderia ser membro de uma quadrilha? Pois eu estava certo. Certíssimo! É, Inspetor... a Sra. Ellis faz parte dela também. Ouça esta: na noite passada, depois que...

— Um momento — interrompeu o paciente Inspetor. — Se o senhor tem algo a dizer-me, não seria melhor irmos para sua casa? Lá não correríamos o risco de sermos ouvidos.

— É claro! Ótimo! Ficarei encantado — exclamou o homenzinho. — Vou logo abrir a porta da frente. Neste mesmo instante! — acrescentou correndo através do jardim.

No lado de fora da casa, o Inspetor chamou o sargento que estava de vigia.

— Tome conta da entrada, Benson. Não deixe ninguém entrar na sala. Se precisar de mim, estarei na casa vizinha.

Em seguida, entrou com o Sr. Parsons em Swallow-Cliffe.

Passou-se quase uma hora, antes que o Inspetor ouvisse o final da detalhada história da segunda visita de Hulk. Só então pediu licença para falar ao telefone. O Sr. Parsons acedeu prontamente, não só para aquela, mas ainda para qualquer outra ocasião; parecia a ponto de pôr a casa e todas as suas instalações à disposição do Inspetor Rice. Essa cortesia talvez fosse considerada razão suficiente para ficar, sem a menor cerimônia, junto ao Inspetor, ouvindo seu telefonema.

— É o Sargento Farrar? Aqui fala o Inspetor Rice. Tome nota disto, por favor, Farrar. — O Inspetor ditou uma detalhada descrição de Hulk, conforme as informações de Parsons. — Sim, quero que esse homem seja detido até que eu possa falar com ele. Faça com que a descrição seja transmitida a todas as delegacias. O Sargento Hall está aí? Não? Descubra onde ele anda e peça-lhe para vir aqui imediatamente. É tudo. Não, espere um minuto. Peça à Central que forneça cópias das impressões digitais daquela caixa preta envernizada que mandei para exame ontem à noite. Encaminhe os resultados para cá, tão logo cheguem aí. Sim, neste endereço.

O Sr. Parsons só faltou pular, de tão excitado. Impressões digitais! Aquilo era o máximo.

O Inspetor ficou parado por alguns instantes, pensando em como se livrar daquela figurinha que não saía de seu lado. Depois, pegou o fone novamente e pediu nova ligação. Desta vez era para falar com o médico-legista, mas o Sr. Parsons não ficou sabendo do que se tratava. — Desculpe incomodá-lo tão cedo, senhor, mas estou particularmente ansioso para ter uma idéia do que constará de seu relatório. A propósito — acrescentou cautelosamente — estou falando de um telefone particular, entendeu?

Ouviu-se uma risadinha no outro lado da linha.

— Entendi. Há alguém ouvindo, não é? Bem, Inspetor, tive tempo apenas para fazer uma rápida autópsia, mas examinei bem o

ferimento e parece-me que se podem tirar algumas conclusões. O criminoso (acho que não há dúvida de que se trata de um crime) fez duas tentativas: na primeira, o ferimento foi quase de raspão, cortando apenas uma pequena artéria, sem provocar grandes danos; a segunda, porém, no mesmo ponto da anterior, penetrou profundamente, causando a morte. A vítima, porém, não deve ter morrido instantaneamente; tudo leva a crer que se esvaiu em sangue lentamente até expirar.

— Oh! — exclamou o Inspetor.

— Quanto àquele outro ponto... olhe, não posso dizer nada em definitivo no momento, mas tenho certeza de que aquele palpite que lhe dei era correto; o homem estava realmente sob a ação de algum narcótico, quando morreu. Não quero dizer que isso tenha causado a morte (falta completar a autópsia) mas, em qualquer caso, foi uma dose muito forte.

— Ah!

— É tudo o que lhe posso adiantar no momento.

— Obrigado — disse o Inspetor, desligando.

— Inspetor — murmurou o Sr. Parsons — o senhor ainda não comeu nada. Não quer tomar conosco o café da manhã? Minha mulher e eu teremos o máximo prazer...

— É muita bondade sua — replicou o Inspetor cordialmente. — Bem que me apeteceria comer uns ovos para quebrar o jejum.

Seria forçado a ouvir mais um tedioso palavrório, mas talvez tomasse conhecimento de alguma coisa aproveitável. De qualquer modo, estava com fome.

Comeu os dois ovos fritos e foi apresentado à Sra. Parsons, uma tímida mulherzinha que olhava para ele com muito respeito e falava o menos possível. Quando o Inspetor deixou a casa dos Parsons, pouco depois das nove da manhã, não levava consigo nada que valesse a pena (além dos dois ovos fritos) que compensasse o tempo perdido.

O policial de vigia informou que a família estava terminando de tomar o café da manhã. A Srta. Ellis ainda guardava o leito e não queria ver ninguém.

— Ah! É assim? — estranhou o Inspetor.

O Sargento Hall estava na sala, esperando por ele.

— Bom-dia, Sargento. Tenho um trabalhinho para você. Quero as impressões digitais de todas as pessoas da casa, sem que elas saibam que estão sendo fichadas... Entendeu?

O Sargento sorriu e retirou-se. O Inspetor Rice acomodou-se em uma poltrona e começou a anotar em seu caderninho os fatos de que tivera conhecimento naquela manhã. Ouvia-se uma leve batida na porta e o policial entrou, tendo o cuidado de fechar a porta antes de falar.

— É a costureira, senhor, a Srta. Pettigrew. Acho que o senhor gostaria de saber que ouvi a cozinheira dizer que ela esteve aqui ontem à noite e imaginei que uma conversinha com ela...

O Inspetor sacudiu a cabeça em sinal de aprovação.

— Muito bem. Onde está ela?

O policial apontou para trás com o polegar sobre o ombro e foi abrir a porta. O tom rebuscado de uma vizinha lacrimosa invadiu a sala.

— ...e assim julguei que a senhora não queria ser incomodada àquela hora tão adiantada da noite e resolvi ir embora. Não sei se fiz como a senhora esperava, Sra. Ellis, mas logo que vi a notícia no jornal, disse para mim mesma: "Agora, um vestido preto é justamente o que a Sra. Ellis está precisando." Então, tratei de vir logo...

— A verdade mesmo — observou o Inspetor, com bom humor, quando o policial se retirava — é que, quando ela soube da novidade, não descansou enquanto não veio meter o nariz aqui na casa. São todas assim...

— Tem toda a razão, senhor — comentou o policial, orgulhoso por ter sido o interlocutor no gracejo de tão ilustre chefe.

Com firmeza, o Inspetor interrompeu as explicações da Srta. Pettigrew à Sra. Ellis e levou a costureira para a sala. Era uma mulher alta e pálida, quarentona, com uns olhos empapuçados, nariz pontudo e vermelho, usando um chapéu esquisito e luvas de algodão cinzentas. A entrevista era uma punição com que o Inspetor iria castigar a curiosidade dela. Apesar dos esforços da Srta. Pettigrew, suas mãos tremiam visivelmente. O Inspetor Rice

não encontrou dificuldade em classificá-la como uma daquelas pessoas que acham que qualquer relacionamento com a polícia, por mais inocente que seja, não é vista com bons olhos.

Por isso, o tato é condição essencial. O Inspetor resolveu agir assim. Cerimoniosamente, ofereceu uma cadeira à Srta. Pettigrew, pediu desculpas pelo incômodo que lhe estava causando e em tom confidencial deu a entender que o depoimento dela representava a peça mais importante das averiguações; para obtê-lo, a polícia não pouparia sacrifícios.

— Assim, espero que a Senhorita não se aborreça, se eu lhe fizer algumas perguntinhas — disse o Inspetor com voz melosa.

— Absolutamente — replicou a Srta. Pettigrew, em tom afetado, ainda que ligeiramente trêmulo, sentando-se na beirada da cadeira mais desconfortável da sala.

Com o mesmo ar misterioso, o Inspetor começou a fazer suas perguntas e a Srta. Pettigrew foi aos poucos relaxando. Suas mãos cessaram de tremer, a voz tornou-se mais firme e até seu nariz adquiriu um tom róseo. Reafirmou sua disposição em colaborar com a justiça na medida de suas possibilidades, assegurando que contaria tudo o que soubesse. Nessa altura, a Srta. Pettigrew já se mostrava até bastante animada.

Ela batera na porta dos fundos, na noite anterior às... talvez uns 10 minutos depois das 9:00. De qualquer forma, a Sra. Hulk deveria saber. A família estava jantando, de modo que a Sra. Hulk levou-a para o saguão, a fim de que esperasse ali. A Sra. Hulk lhe parecera... como dizer?... com uns modos um tanto estranhos, pensou a Srta. Pettigrew. Ela aguardou no saguão durante cerca de 10 minutos; depois, achando que já era muito tarde para incomodar a Sra. Ellis resolveu retirar-se pela porta da frente.

O Inspetor esteve a ponto de esfregar as mãos de contentamento. Aquela informação era tão valiosa que teve dificuldade em esconder sua excitação, ao continuar o interrogatório. Sim, ela ficara postada na extremidade do saguão, na parte mais sombria. Sim, certamente teria visto o Sr. Dudden sair da sala de jantar.

— E o que fez ele?

Na ocasião, pareceu à Srta. Pettigrew que a atitude do Sr. Dudden era muito estranha. Na verdade, ela não conhecia o pessoal da casa tão bem quanto pensava; era constrangedor confessar mas, segundo lhe pareceu, o Sr. Dudden estava bêbado.

Ao invés de caminhar em linha reta, cambaleava. E antes de passar para a sala de estar, abriu a porta da frente e tornou a fechá-la com violência. Tudo muito estranho!

— É claro, é claro — concordou o Inspetor. — Então ele entrou na sala de estar. Mas quem saiu atrás dele, da sala de jantar?

A Srta. Pettigrew mostrou-se espantada.

— Atrás dele? Desculpe, mas não estou entendendo. Não saiu ninguém.

— Bem, então qual foi a primeira pessoa que apareceu durante os cinco minutos seguintes, se prefere que a pergunta seja assim.

— Na verdade, não vi ninguém sair da sala de jantar.

— Como é? — exclamou o Inspetor, não querendo acreditar.

— Ninguém, durante todo o tempo em que a Senhorita esteve esperando? Ora, vamos!

A Srta. Pettigrew começou a tremer novamente.

— O senhor... o senhor está insinuando que não falo a verdade?

O Inspetor apressou-se em reafirmar sua confiança, mas a Srta. Pettigrew continuou afirmando, com convicção, que ninguém saíra da sala de jantar depois do Sr. Dudden, pois que essa era a verdade.

— Nem mesmo Robert Ellis? — arriscou o Inspetor.

— Certamente que não — replicou a Srta. Pettigrew, já em tom ofendido por aquela nova insinuação.

O Inspetor decidiu liberá-la, embora pesarosamente. Um depoimento, que se iniciara tão promissor, acabara dando em nada. De acordo com ele, Robert Ellis deixava de ser suspeito. Mas ele seria mesmo inocente? O Inspetor se dirigiu para trás do biombo. Aquela janela ali...

Uma leve batida na porta interrompeu o curso de seus pensamentos. O Sargento Hall entrou na sala, com um ar de triunfo.

— Trago uma porção de novidades para o senhor. Primeiro, consegui todas aquelas impressões digitais que o senhor pediu.

— Ah! — exclamou o Inspetor, sem se preocupar em saber como fora realizada uma tarefa tão difícil; afinal, aquilo fazia parte da rotina.

— E uma foto daquelas impressões digitais na caixa preta envernizada já veio da Central. São mesmo da moça, Amy Ellis, sem a menor dúvida.

— Ah! — exclamou novamente o Inspetor. As informações não pareciam surpreendê-lo muito. — Alguma coisa mais?

— Sim. Agarraram o tal de Hulk, em Wapping. O sujeito está à disposição do senhor. Para adiantar o serviço, já lhe fizeram umas perguntas e ele contou sua história.

O Sargento Hall repetiu então o depoimento de Hulk. Ele admitira ter recebido dinheiro da Sra. Ellis para assaltar Dudden na noite anterior e apossar-se de sua carteira. Hulk ignorava o motivo pelo qual a Sra. Ellis tanto desejava a carteira. Não era certamente por causa do dinheiro, mas talvez porque contivesse algum documento de que o Sr. Ellis desejava desesperadamente apossar-se.

— Bobagem — resmungou o Inspetor. — O que estão querendo inventar? Eu mesmo examinei a carteira. Não havia documento algum dessa natureza.

— Mas tudo se ajusta perfeitamente, senhor! — retrucou o Sargento Hall com entusiasmo. — Merriman telefonou pouco depois. Ele fora incumbido de ir ao escritório de Dudden, de manhã cedo, e dar uma olhadela nos papéis. Não transmiti antes a notícia ao senhor porque ele está vindo para cá. Disse que não encontrou nada interessante, que estava tudo em ordem, exceto que havia um envelope no cofre de Dudden, contendo um cheque de 150 libras com o carimbo “Assinatura diferente” e uma confissão assinada por Robert Ellis, declarando que Robert falsificava o cheque.

O largo sorriso do Sargento Hall indicava que, em sua opinião, o caso estava encerrado.

O Inspetor parecia concordar.

— Está bem. Isso encerra o assunto, encontrando-se ou não a arma. Parece que temos o nosso peixe fígado. Traga o moço Robert e fique de olho.

Depois que o Sargento Hall se retirou, o Inspetor Rice chamou o policial que estava de vigia no saguão.

— Telefone para o Sargento Farrar e peça uma ordem de prisão, Benson — ordenou em voz baixa. — O nome é Robert Ellis, acusado de assassinato. Não fale daqui. É melhor pedir licença para usar o telefone do vizinho.

O policial fez continência e desapareceu. Um minuto depois o Sargento Hall regressou, trazendo, meio arrastado e cheio de pavor, o jovem Robert.

O Inspetor Rice contemplou sua vítima.

— Vamos lá, Ellis, é melhor confessar tudo — disse em tom grave. — Vai sentir-se mais aliviado. Pode começar.

— Não sei o que o senhor quer dizer — balbuciou Robert. — Não tenho nada para confessar. Por favor, deixe-me voltar para meu quarto!

— Não adianta tomar essa atitude, meu rapaz. Não tem nada para confessar, é? Muito bem. Então o que me diz daquele cheque de Dudden que você falsificou? E o documento que assinou, confessando tudo? Vamos lá. Onde foi que escondeu o bisturi?

O Inspetor fez uma pausa. Adotara deliberadamente aquele tom belicoso como o melhor recurso para conter a incipiente histeria do jovem, mas já não havia necessidade de continuar assim. A referência à descoberta do cheque falsificado destruíra qualquer resistência que ainda houvesse no ânimo enfraquecido de Robert. Ele se deixou cair na cadeira mais próxima, trêmulo e apavorado; gotas de suor afluíam em sua testa. Para o olho experiente do Inspetor, chegara o momento da confissão.

— Eu... eu... — gaguejou o rapaz.

— Não há necessidade de maltratar meu filho, Inspetor — disse a Sra. Ellis, com voz um tanto trêmula, mas decidida, entrando na sala.

O Inspetor se voltou para ela, irritado.

— Desculpe, senhora, mas sou obrigado a pedir-lhe que se retire. Já disse...

— E eu disse que não há necessidade de maltratar meu filho — repetiu a Sra. Ellis calmamente. — Estou pronta a revelar toda a verdade. Fui eu quem matou o Sr. Dudden.

Esquecido de sua irritação, o Inspetor ficou olhando para ela, atônito. A confissão o apanhara totalmente de surpresa.

Entretanto, era uma hipótese plausível. Aquela história contada por Hulk...

De súbito, percebeu que o policial Benson, postado na entrada da sala, lhe fazia sinais. Instintivamente, o Inspetor foi ao encontro de seu auxiliar, que parecia extremamente satisfeito.

Orgulhosamente, apresentou ao Inspetor, segurando-a com todo o cuidado pelas extremidades, a arma do crime, ainda manchada de sangue.

— Imaginei que o senhor andasse procurando por isto, senhor. Assim, quando fui à casa do vizinho para telefonar, dei uma busca rápida e encontrei isto... estava escondida no vaso de folhagens do Sr. Parsons.

Capítulo V

E. C. Bentley

O Inspetor Rice não escondia sua satisfação, ao desdobrar o lenço e fazer sinal a Benson para que pusesse a arma cuidadosamente sobre o pano, para preservar possíveis impressões digitais. Assim, carregando na mão direita o bisturi manchado de sangue, ele retornou à sala de estar.

— O senhor vai precisar de mim? — perguntou o Sargento Hall, que acompanhara atentamente, com seus perpicazes olhos azuis, todo aquele ritual.

— É claro que sim — replicou o Inspetor. — As coisas estão começando a acontecer muito rapidamente, Sargento. Quanto a você — acrescentou, dirigindo-se ao envaidecido Benson — fique de vigia aí na porta.

Levando a arma ostensivamente exposta, o Inspetor entrou na sala, seguido por seu auxiliar, e dirigiu-se à mesa sobre a qual se encontrava, aberto, o estojo de instrumentos de Wilfred. A encenação satisfez o Inspetor. A Sra. Ellis deu um grito e cobriu o rosto com as mãos; seu filho, com um soluço abafado, levantou-se da cadeira; depois voltou a sentar-se, tremendo incontrolavelmente.

— É realmente o bisturi que faltava — observou o Inspetor, comparando-o com os do estojo. Depois, encaminhou-se com o Sargento até a janela, onde, com as costas voltadas para a mãe e o filho, iniciou uma conversa em tom baixo.

— Você trouxe sua aparelhagem de colher impressões digitais? — perguntou.

— Está na sala de jantar — respondeu o Sargento.

— Ótimo. Como você já tem as impressões do pessoal da casa, leve a arma e me comunique tão logo tenha concluído os testes de identificação.

O Sargento recebeu o bisturi com as devidas precauções.

— Uma ou duas boas impressões estão bem visíveis — murmurou. — Feitas com dedos sujos de sangue, posso garantir. — Levantou a arma contra a luz e acrescentou: — Existem várias outras. Será muito fácil a identificação.

Ao ouvir um leve ruído atrás de si, o Inspetor Rice fez meia-volta.

— Fique onde está, meu rapaz, e não chegue perto desses bisturis — ordenou energicamente, no momento em que o desnortado Robert, já com a mão na maçaneta da porta, se voltava tropegamente na direção do estojo. Ao sentar-se novamente, sua mãe foi até junto dele e colocou-lhe a mão no ombro.

— O senhor não tem direito de falar assim com meu filho — protestou com voz enérgica — Ele nada fez de errado.

— Está-se vendo pela cara dele — replicou o Inspetor rispidamente. — Está tudo bem, Sargento, pode ir. E quanto à senhora — acrescentou, dirigindo-se à Sra. Ellis — quer ter a bondade de repetir a surpreendente confissão que me fez poucos minutos atrás?

— Eu disse que fui eu quem o matou — respondeu ela, apertando as mãos trêmulas. — Matei-o. E não vou acrescentar mais uma palavra. Pode prender-me.

O Inspetor coçou o queixo. Aquilo estava-se tornando fácil demais. Teria sido mesmo ela? Como confissão, suas palavras eram muito suspeitas. O Inspetor já sabia — admitindo que o depoimento de Hulk fosse verdadeiro — que a velha senhora, para salvar o filho, seria capaz de atitudes desesperadas. Em um caso assim, pensou o Inspetor, um pouco de astúcia não faria mal.

— Está bem, senhora — tentou ele, em tom suave — mas poderia ao menos dizer-me...

A Sra. Ellis sacudiu a cabeça obstinadamente.

— Nem mais uma palavra. O senhor não conseguirá iludir-me.

O Inspetor Rice esboçou um sorriso. Ali estava uma pessoa pedindo para ser levada ao cadafalso e com receio de ser descoberta. Tal simplicidade, pensou ele, era bem rara.

— Mas, senhora — insistiu ele — é muito difícil acreditar em sua confissão.

— Eu o matei — repetiu ela monotonamente.

— A senhora quer realmente que eu acredite — e o Inspetor apontou-lhe um dedo acusador — que atacou o homem, com quem, durante anos, manteve cordiais relações de amizade? Que agarrou um bisturi e o enterrou no coração dele?

— Sim, senhor — replicou ela secamente. — E não vou dizer mais nada.

O Inspetor sacudiu a cabeça.

— A senhora não precisa mesmo dizer mais nada — respondeu ele calmamente. — Já me deu todas as informações necessárias. E agora — acrescentou, voltando-se para Robert Ellis — que tal essa história de não ter feito nada de errado? Você concorda com o que sua mãe declarou? Não fez mesmo?

Pela primeira vez, desde que enfrentara o Inspetor, o jovem Robert conseguiu controlar-se. Apresentava-se agora pálido, mas calmo.

— Você não passa de um sujo — disse com raiva. — Sabe muito bem que o culpado sou eu. De qualquer maneira, não pense que vou deixar minha mãe tomar o meu lugar, mesmo que você acreditasse nela. Estou liquidado. Matei Dudden. Nunca tive a intenção de fazer isso, mas fiz.

A Sra. Ellis agarrou o braço do Inspetor.

— Não é verdade — balbuciou. — O senhor não pode acreditar nele. Está apenas querendo proteger-me. Já confessei que a culpada sou eu...

— Não adianta, mamãe — interrompeu Robert com voz cansada. — Sou um fraco, bem sei, mas há coisas que não sou capaz de fazer. Vou contar tudo. Já tomei minha decisão e me sinto agora mais aliviado. Todos nós tínhamos nossas razões para odiar Dudden. Sabíamos que andava pressionando Amy para que se casasse com ele, embora houvesse o noivado com Wilfred Hope. Na mesma noite em que tudo aconteceu, papai iria dizer-lhe que fosse embora, mas Dudden lhe havia emprestado dinheiro e estava

explorando essa situação. Quanto a mim, parece que o senhor já descobriu o que foi que fiz.

O Inspetor Rice abriu o caderno de notas.

— Se você deseja fazer uma confissão, estou pronto a taquigrafar suas declarações e fazer uma cópia para você ler e assinar.

Foi uma história sórdida a que o jovem contou, enquanto sua mãe soluçava desconsoladamente junto dele. Havia algum tempo que adquirira o vício do jogo e tinha perdido muito mais do que poderia pagar; estava sendo pressionado fortemente pelos credores e não tinha dúvidas de que perderia o emprego se os fatos fossem divulgados. Sabia que Dudden guardava um talão de cheques na gaveta da mesa de seu quarto e resolveu apelar para a falsificação. Roubou um cheque e imitou a assinatura de Dudden, mas o banco detectou imediatamente a fraude; o pagamento foi recusado e o cheque retido.

Quando Dudden recebeu do banco o cheque falsificado, concluiu logo quem fora o autor da falsificação. Robert planejava, no caso de o plano ser descoberto, negar tudo, fiado no constrangimento de Dudden em denunciar o irmão da moça com quem pretendia casar-se. Todavia, não demorou em descobrir que o homem era capaz de torpezas ainda maiores. Dudden o acusou do crime e passou a maltratá-lo, até que o fraco Robert ficou totalmente dominado. Dudden então estabeleceu suas exigências.

Não mais se falaria sobre a falsificação do cheque, se Robert lhe entregasse uma confissão escrita e usasse sua influência junto a Amy, para que ela aceitasse a sua proposta de casamento. Mas como poderia Robert influenciar sua irmã em assunto tão delicado? Dudden, ao ouvir a pergunta, riu cinicamente e disse que o problema era de Robert e que o rapaz deveria descobrir logo um jeito de persuadir a irmã. Dudden se comprometia a devolver, no dia de seu casamento com Amy, o cheque falsificado e a confissão de Robert; no caso de Amy não aceitar sua proposta dentro de 15 dias, os dois documentos seriam entregues à polícia.

Robert, encurralado e sem saber o que fazer, acabou aceitando a exigência. Entretanto, percebendo — como Dudden já o havia feito — que Amy somente concordaria se fosse posta a par de toda a

triste história, resolveu contar-lhe tudo. O que aconteceu a seguir era fácil de prever-se. Amy, reiterada e desesperadamente, implorou que Dudden tivesse piedade para com ela e o irmão, mas todos os apelos foram inúteis. O prazo para sua decisão foi fixado em determinada data — a da noite do crime.

Robert não sabia o que Amy pretendia dizer ou fazer, pois a moça se recusara intransigentemente a revelar sua decisão.

No jantar daquela noite, quando Dudden se levantou da mesa, dizendo que tinha de sair, Robert, já meio transtornado, também se levantou e seguiu atrás dele. Assim, viu quando Dudden abriu e fechou a porta da frente, encaminhando-se para a sala de estar. O rapaz imaginou que Amy não tardaria em vir encontrar-se com Dudden, antes que os pais dela deixassem a mesa. Robert, mal sabendo o que fazia, retirou um bisturi do estojo de Wilfred, que estava sobre a mesinha do saguão; em seu perturbado raciocínio, predominava uma vaga idéia de ameaçar Dudden, quando seguiu atrás de seu torturador, entrando também na sala então vazia.

O que Robert contou a seguir fez com que o Inspetor levantasse os olhos do caderno, onde estenografava o depoimento, e encarasse o jovem com redobrado interesse. Dudden, ao ver-se ameaçado e injuriado com palavras violentas, reagiu de maneira muito estranha. Ao invés de recorrer ao seu tom agressivo habitual, manteve-se em silêncio, apoiado em uma cadeira, com os olhos semicerrados, aparentemente não prestando a menor atenção às palavras de Robert e mesmo à sua presença. Robert, interpretando essa atitude como mais uma prova de desprezo por parte de Dudden, perdeu completamente o controle e avançou contra ele, desfechando-lhe um golpe contra a garganta. Nesse exato momento, porém, Dudden cambaleou e o bisturi apenas produziu-lhe um corte no pescoço. Robert percebeu que o ferimento não fora profundo, mas provocara muito sangue, manchando-lhe as mãos. Dudden caíra, a princípio sobre os joelhos, depois se estendera no chão, no lugar onde o corpo fora posteriormente encontrado.

— Um momento — interrompeu o Inspetor. — Houve muito sangue, não foi? Por acaso você sabia (tenho boas razões para

fazer esta pergunta) se o Sr. Dudden era um homem que sangrava facilmente?

Robert olhou para ele, tomado de surpresa.

— Não sei. Acho que... Não, não sei.

— Está bem. Não faz mal. Pode continuar.

Robert, apavorado com o que fizera, saiu correndo da sala e se dirigiu para o banheiro, para lavar as mãos sujas de sangue, em uma desesperada tentativa de ocultar o crime. Descobriu então, para agravar seus temores, que havia manchas também nos punhos da camisa. Sem tempo para trocá-la, ele voltou para a sala e tomou o seu lugar na mesa, até que os pais e a irmã também chegassem.

Foi nesta altura do depoimento de Robert que o Inspetor novamente o interrompeu:

— Então você colocou o biombo na frente do corpo, antes que os outros entrassem na sala?

— Nem sequer toquei nele — replicou o rapaz, sacudindo a cabeça. — O biombo sempre esteve naquele lugar. Dudden se encontrava atrás dele, apoiado no encosto da cadeira, quando o ataquei. Havia bastante espaço entre o biombo e a janela.

— Vamos ver bem como estava — disse o Inspetor.

Retirou o biombo do lugar para onde fora transferido, encostado à parede, e, com o auxílio de Robert, recolocou-o na posição em que se encontrava no momento do crime. O Inspetor Rice tinha suas razões para essa reconstrução da cena; sua atenção fora despertada por uma curiosa discrepância no depoimento de Robert. A experiência profissional de Rice dizia-lhe que o que ele estava ouvindo era a verdade, porém...

— Você contou tudo o que aconteceu quando o homem foi morto? Será bem melhor se não tentar esconder alguma coisa.

Robert protestou que nada omitira. Não fazia qualquer objeção em mostrar exatamente como tudo acontecera. Com o Inspetor colocando-se no lugar ocupado pela vítima, Robert demonstrou precisamente como e onde aplicara o golpe. Era evidente para o Inspetor Rice que havia alguma coisa muito estranha no quadro tal como agora se apresentava; e estranha em mais de um aspecto.

Apesar disso, o criminoso confesso estava dizendo o que fizera, exatamente de acordo com a realidade. Rice não tinha dúvidas a esse respeito. O comportamento do jovem não era fingido; de um vil covarde ele se transformara em um homem — não um tipo muito admirável, mas pelo menos em um homem com aquela espécie de força moral que resulta de haver confessado tudo e assumido a responsabilidade de seu ato. O Inspetor já presenciara esse fenômeno um número suficiente de vezes para reconhecê-lo infalivelmente. O jovem não estava representando; mesmo que o tentasse, Robert Ellis decididamente não serviria como ator.

Mas, não sendo possível aceitar a versão de Robert como a verdadeira a respeito dos intrincados e sinistros fatos já conhecidos, que rumo seguir, em busca da solução?

O Inspetor disse para si mesmo, em tom de censura, que havia uma hipótese bastante possível, que ele até então negligenciara. Não podia haver dúvida de que Robert estava dizendo a verdade. Mas qual seria toda a verdade? Se qualquer outra pessoa tivesse tido participação no crime, inevitavelmente Robert Ellis deveria saber. Era esse ponto que o Inspetor queria esclarecer. Da maneira como se apresentavam os fatos, ele estava longe, muito longe mesmo, de ter o caso liquidado. Decidiu, então, lançar uma isca.

— Quer dizer que o seu depoimento representa a verdadeira história do assassinato de Paul Dudden? Que tudo o que ouvi é precisamente o que aconteceu?

Robert demonstrou uma leve hesitação para responder.

— Sim — disse finalmente. — Foi bem como relatei.

— Tem certeza?

Ante a pressão, o frágil autocontrole do jovem desmoronou.

— Sim... é claro... Não havia mais ninguém.

— Mas eu não insinuei que houvesse mais alguém — retrucou o Inspetor.

Seguiu-se uma pausa. Robert não tirava os olhos de seu interrogador, evidentemente resolvido a nada mais dizer. Afinal, o Inspetor Rice rompeu o silêncio, apelando para o tom mais persuasivo de sua voz:

— Você deve compreender que, além de seu depoimento, disponho de vários outros que me forneceram pistas valiosas, as quais tendem a incriminar outros membros da família.

Como Robert permanecesse em silêncio, o Inspetor acrescentou lentamente:

— Vamos lá. Acho que compreendo sua atitude e não nego que até a respeito. Entretanto, se ela estava...

— Tudo o que lhe disse é a pura verdade — replicou Robert impetuosamente. — Repito que, quando ataquei Dudden, ela... ninguém mais estava na sala.

Era o suficiente para o Inspetor Rice. Abrindo a porta, fez um sinal para o policial que se mantivera em seu posto.

— Diga à Srta. Ellis que desejo vê-la e que é importante não perdermos mais tempo.

A Sra. Ellis, que continuava chorando baixinho no fundo da sala, ouviu a ordem com sinais de renovada agitação.

— Amy não pode ser envolvida nisto. Não há nada contra ela. Oh, meu Deus! Já não basta que queiram tirar um deles de mim?

Seus lamentos cessaram subitamente quando a filha apareceu, com inesperada rapidez, acompanhada pelo policial.

Era evidente que ela conseguira controlar as emoções que, segundo sua mãe, a tinham prostrado completamente. Estava pálida e desfigurada. Ao entrar, sem sequer tomar conhecimento da presença do Inspetor, dirigiu um olhar interrogativo para o irmão.

— Está tudo acabado — disse Robert, em resposta à pergunta muda. — Conte tudo para ele.

A moça se voltou para o Inspetor.

— Isso é impossível — falou ela em tom enérgico. — Ele não pode ter contado tudo pela boa razão de que não conhece todos os fatos. Mas se ele falou a respeito da atitude de Dudden em relação a mim, como imagino que deve ter falado... e de qualquer modo o senhor viria a saber, então tenho algo a acrescentar.

O Inspetor encarou a moça com um olhar de agradável expectativa, que não tentava disfarçar. Mas antes que pudesse replicar, o Sargento Hall apareceu na porta da sala e, depois de um

sinal de assentimento do Inspetor, dirigiu-se com ele para a janela, onde novamente entraram a confabular em voz baixa.

— As impressões dele estavam no bisturi? — perguntou Rice, indicando Robert com um movimento de cabeça.

— Com toda a clareza. Entretanto, há uma coisa estranha em relação às outras, as manchadas de sangue. Estão todas sobrepostas às dele, sempre que aparecem juntas. É evidente o que isso quer dizer.

— Sim, é claro — replicou o Inspetor irritadamente. — Não nasci ontem. E você sabe de quem são essas impressões posteriores?

O Sargento Hall não escondeu um sorriso de satisfação ante o efeito que sua resposta iria produzir.

— São da velha — sussurrou.

— O quê? — Rice estava realmente espantado. — Santo Deus! Então ela vinha mesmo dizendo a verdade o tempo todo!

— Não sei o que ela vinha dizendo ao senhor — comentou o Sargento com evidente satisfação. — Nem sabia que o senhor já a havia interrogado. Mas não há a menor dúvida de que as impressões digitais são da Sra. Hulk.

Capítulo VI

O Sr. Parsons Explica O Caso

Padre Ronald Knox

Existe bondade até mesmo nos corações mais empedernidos.

O Sr. Parsons — “o nosso vizinho bexigoso” — espontaneamente convidara Wilfred Hope para passar a noite em sua casa e ficar perto da cena do crime, depois daquelas horas angustiosas em que o jovem estudante vira seu futuro cunhado, Robert Ellis, detido pela polícia para novas averiguações, e sua noiva, em companhia dos pais, permanecerem sob evidente vigilância e suspeição. O Sr. Parsons chegou mesmo a preparar uma dose de uísque para Wilfred, depois do jantar, distinguindo seu hóspede com inequívocos sinais de consideração.

— Sinto-me tão desanimado! — estava dizendo Wilfred. — Sei agora, relatado por eles mesmos, todos os movimentos dos Ellis durante a noite de ontem e estou certo de que nenhum deles tem algo a ver com o golpe que liquidou Dudden. O mistério continua e sabe lá que caso a polícia está tramando, para ocultar sua própria incompetência?

O Sr. Parsons se conduziu então de maneira um tanto estranha. Dirigiu-se ao armário da sala de jantar e, abrindo-o, revelou um painel correção na parede.

— Tenho certo orgulho disto — confessou. — Fui eu mesmo quem o instalou. Dá para a copa, como vê. É a janelinha que permite brincar de espião. Costumo chamá-la de meu confessionário, pois, indo para a copa, posso ouvir tudo o que for dito aqui nesta sala. Foi o que fiz esta tarde, sabe? Quando o Inspetor Rice pediu a sala emprestada e teve sua entrevista com o verdadeiro criminoso.

— O verdadeiro criminoso? Então o senhor sabe quem é? Oh, pelo amor de Deus, diga-me seu nome; não faça tantos rodeios.

— Devagar, Sr. Hope, devagar. Vamos trocar confidências. Você conhece a história contada segundo os Ellis. Conte-me toda ela primeiro e prometo que a completarei com minha parte.

— Está bem, vou contar, mas bem resumidamente, porque o senhor não quer falar primeiro. Houve naquela noite três projetos e todos entram na história, embora nenhum fosse de assassinato.

Dudden insistira com Amy para que ela tivesse uma entrevista comigo, para romper nosso noivado, enquanto ele ouviria tudo, escondido atrás do biombo. Dudden então saiu da sala de jantar, bateu com força a porta da frente, dirigindo-se sorrateiramente para trás do biombo, a fim de escutar a entrevista. A Sra. Ellis, pensando que ele realmente sairia de casa ontem, tinha contratado aquele tal de Hulk para segui-lo e assaltá-lo, a fim de roubar-lhe certos documentos.

— Que documentos? — perguntou o Sr. Parsons.

— Um cheque, se quer saber, com a assinatura de Dudden falsificada por Robert, mais a confissão do rapaz de que cometera a falsificação. Isto, é claro, não aconteceu; Hulk rondou a casa para receber as instruções finais e o pagamento mas, como Dudden não chegou a sair, ele esperou em vão.

— E o terceiro projeto?

— Este foi de Amy. Bem que suspeitei de alguma coisa, pela maneira como ela me interrogou, na semana passada, sobre os efeitos dos narcóticos. Sou estudante de medicina, como o senhor sabe. Bem, Amy conseguiu um pouco de morfina e pôs na cerveja que Dudden deveria beber no jantar. A idéia dela era que ele ficasse anestesiado, quando se instalasse atrás do biombo, permitindo que ela lhe roubasse os documentos. Na realidade, como agora sabemos, tais documentos se encontravam no escritório de Dudden e não em seu bolso.

O Sr. Parsons não pôde conter uma risadinha irônica.

— Essa é muito boa. Não se tratava do cheque de Dudden?

— Pelo amor de Deus, não interrompa. Quando ele se levantou da mesa, Robert o seguiu, pensando em fazer mais um apelo, penso eu. Ao passar pelo saguão, viu meu estojo de material cirúrgico e retirou um dos bisturis, para defender-se, segundo declarou. Quando

entrou na sala de estar, a droga já estava produzindo seus efeitos em Dudden, que pareceu não tomar conhecimento da presença de Robert. Essa atitude deixou o jovem furioso, levando-o a desfechar o golpe com o bisturi.

Dudden caiu pesadamente. Na ocasião não saiu muito sangue, mas Robert, nada sabendo a respeito da morfina, pensou que tivesse cometido um assassinato. Ao ver as mãos e os punhos da camisa manchados de sangue, dirigiu-se rapidamente para o banheiro, a fim de lavar-se. Ele não se lembrou de que a Sra. Hulk viria correr as cortinas, como de fato aconteceu alguns minutos depois, cerca das 9:25, e encontrar o corpo, como ela disse, atrás do biombo.

— Robert não receou que o restante da família viesse também para a sala de estar?

— Isso seria o normal, porém Amy providenciara para que todos aguardassem na sala de jantar a minha chegada, alegando que queria falar comigo a sós na sala de estar. Não era a primeira vez que isso acontecia, embora o Sr. Ellis não gostasse de retardar seu jogo de paciência. Ao ver que a Sra. Hulk já encontrara o corpo, ela subiu as escadas para saber o que Robert estava fazendo. Os dois irmãos desceram juntos e procuraram os documentos, nada encontrando. Então a Sra. Hulk apanhou o bisturi e levou-o para a cozinha. Neste momento, o restante da família se levantava da mesa e se dirigia para a sala de estar.

Robert não teve coragem de confessar o que fizera. Sentou-se e ouviu a leitura costumeira, com a esperança de que nada fosse notado antes que todos se retirassem para seus quartos. O pobre infeliz pretendia enterrar o corpo no jardim, durante a noite.

— Então foi assim que você encontrou a família? Robert sabendo que Dudden estava morto atrás do biombo; Amy pensando que o homem se encontrava apenas drogado; a Sra. Ellis com a esperança de que Dudden tivesse sido assaltado na estrada; a aparência era de uma dessas tranquilas reuniões de família em torno da lareira. Mas você acha que alguma coisa continua inexplicada?

— Tudo continua inexplicado. Robert não tinha dúvida de que produzira apenas um leve ferimento. Mas houve um segundo golpe,

mais profundo, que provocou a morte. Não posso acreditar que a Sra. Hulk fosse capaz de tal ato e ela jura que o homem já estava morto quando o encontrou. Naqueles cinco minutos, mais ou menos, entre 9:20 e 9:25, alguém deve ter entrado e desferido o segundo golpe. A que conclusão nos leva isso? E como o advogado de Robert vai provar que houve esse segundo golpe e que o jovem não é o assassino? O senhor disse que sabe quem é o verdadeiro criminoso. Já contei tudo; agora é a sua vez.

— Estranho, muito estranho — comentou o Sr. Parsons. — Todavia, tudo se encaixa direitinho. Como já lhe disse, tomei a liberdade de ficar escutando atrás do painel, lá pelas cinco horas desta tarde. Ouvi então aquela costureira... Pettigrew é o nome dela, não é?... confessar ao Inspetor Rice que encontrara o corpo de Dudden na sala de estar, mais ou menos às 9:20, e o golpeará com toda a força, para certificar-se de que ele estava realmente morto.

— O senhor disse que foi a costureira? Mas como poderia ter sido ela? Por que razão entraria nessa história? Deve estar maluca.

— Não penso assim. Considere o seguinte: Rice investigara a vida pregressa de Dudden e descobrira que ele tinha uma mulher, a quem abandonara e cujo nome de solteira era Pettigrew. Depois, examinando as contas da Sra. Ellis, verificou que a costureira estava cobrando preços ridiculamente baixos, evidentemente para ter acesso à casa onde morava seu infiel marido. Ela estava esperando no saguão que Dudden passasse, tendo acabado de saber que ele pretendia casar-se com Amy. Decidida a vingar-se, encontrou o ex-marido já aparentemente morto e deu vazão a seu ódio, enterrando-lhe o bisturi na garganta. Usava luvas e foi muito cuidadosa. A seguir, abriu a porta da frente e foi-se embora. Isso aconteceu pouco antes das 9:25, quando fui colocar minhas cartas no correio; se não fosse isso, eu a teria visto.

— Então... — comentou Wilfred — está tudo bem? A acusação de assassinato vai ser feita contra ela, a pobre infeliz? E Robert, na pior hipótese, poderá ser condenado apenas por tentativa de morte. Enfim, demos graças a Deus por tudo haver terminado dessa maneira.

— Sim — replicou o Sr. Parsons — acho que é o que vai acontecer. É claro que, se eu expuser minha teoria à polícia, ela terá de pensar duas vezes, mas não quero provocar confusões.

— Sua teoria? O que quer dizer com isso?

— Você não percebeu que as duas confissões são falsas? Que foi realmente a Srta. Pettigrew que entrou primeiro e fez o pequeno corte no pescoço de Dudden? Que Robert chegou logo depois e infligiu o golpe mortal?

— Mas isso é um absurdo! Por que cargas d'água ambos iriam mentir assim?

— Robert sabe que o segundo golpe foi o que provocou a morte; então, afirma que foi o autor do primeiro. A Srta. Pettigrew imaginou que Dudden já estava morto; então confessa que desfechou o segundo. Se ela estivesse mesmo no saguão, por que Robert não a viu? E por que ela não viu Robert passar? A resposta é que ela não se encontrava mais no saguão, no momento em que Robert passou; fugira depois de infligir um leve ferimento no pescoço de seu ex-marido. Cheguei à conclusão de que Robert e a Srta. Hulk inventaram uma história falsa a respeito do tempo e o restante da família foi persuadido a apoiá-los. Acho também que o segundo golpe foi desfechado por Robert poucos minutos antes de você chegar, o que explica por que ainda correu tanto sangue. Você mesmo me confessou sua surpresa pelo fato de o corpo ainda sangrar.

— É verdade, mas estive estudando esse problema. Taylor diz que, se não forem seccionados alguns vasos importantes, mas apenas ramos deles, a vítima pode sangrar até morrer, de acordo com o tempo que se desejar. Ele cita um caso em que a sangria durou sete horas. Assim, sob este aspecto, sua teoria está realmente correta.

— Bem. Deixemos esse ponto. Continuo afirmando que, se a Srta. Pettigrew se encontrasse no saguão no instante em que Robert passou, eles se teriam visto e o fato apareceria nos depoimentos. Não há razão para que um quisesse proteger o outro. A Srta. Pettigrew foi, segundo declaração da Sra. Hulk, deixada no saguão às 9:10. Quando Robert saiu da sala de jantar, ela não estava mais

lá. Por conseguinte, concluo que já havia ferido Dudden levemente, como ficou comprovado, e ido embora. Robert deve ter desfechado o segundo golpe não antes das 9:25.

— O senhor não me convence. Robert pode ter enganado o Inspetor, mas não acredito que haja iludido sua própria família. E foi da boca da Sra. Ellis que fiquei sabendo de toda a história.

— Bem... Compreendo que você se satisfaça com esse argumento, mas veja minha posição. Tenho-me perguntado uma porção de vezes se toda a família não estava metida no complô. Será que Robert deixou seus pais ignorando tudo? Ou eles já sabiam, mesmo quando você entrou na sala, o que havia atrás do biombo?

— Desculpe-me — respondeu Wilfred um tanto rispidamente. — O senhor se esquece de que conheço essas pessoas e confio nelas cegamente.

— É claro, é claro — replicou o Sr. Parsons, em tom apaziguador. — Mas estive imaginando o que um júri britânico pensaria disso. Vamos, meu amigo, você mesmo notou, ao entrar na sala, que havia uma atmosfera de nervosismo geral. Não é de supor-se que todos já estavam a par do segredo? E ficaram sentados, ouvindo a leitura até o último momento, para que você pensasse que tudo estava em paz?

— Confesso que cheguei a pensar nisso... Apanhei o livro que a Sra. Ellis estava lendo e medi o tempo de leitura desde o começo do capítulo até o ponto em que ela se interrompeu com a minha chegada; foram exatamente 25 minutos. Teria sido uma coincidência?

— Mas havia o jogo de paciência. O Sr. Ellis não estava realmente jogando, conforme você mesmo me confessou. Apenas movia as cartas.

— Ora, isso demonstra que ele não estava realmente nervoso. Se estivesse, dedicar-se-ia à paciência para acalmar os nervos. O papel do Sr. Ellis era fazer um sinal para a mulher dele. Quando ele lhe mostrasse determinada carta, ela deveria interromper a leitura e ambos saíam da sala, deixando-me sozinho com Amy. Era o três de paus. "Dois é bom, três é demais", como diz a canção. Essa era a idéia.

— Bem, vamos absolver a família. Entretanto, ainda tenho a impressão... Você vai me desculpar, mas acho que o jovem Robert não confessou tudo a ninguém. Estou convencido de que foi ele o autor do golpe fatal.

— Sim, Sr. Parsons, mas há um ponto que o senhor não considerou. Quando Robert subiu para lavar as mãos, acendeu a luz do banheiro, conforme o senhor notou. Foi depois disso que ocorreu a sua caminhada até o correio, para postar a carta.

Justamente nessa ocasião, quando o senhor não podia avistar a porta da frente, a Srta. Pettigrew escapou.

— Você me convenceu, realmente. A propósito, qual o papel da Sra. Hulk em toda esta história?

— Ela achou o bisturi junto ao corpo e o apanhou, enrolando-o em um pedaço de papel. Foi esse papel que ela, mais tarde, enrolou na carne, fingindo que cortava o guisado, a fim de ocultar as manchas de sangue. De que maneira ela se livrou do bisturi, nunca cheguei a descobrir.

— É aí que eu entro. Quando a polícia chegou, ela correu até a minha janela, que estava aberta, e gritou: "Oh, meu Deus! Um assassinato!" Corri para a porta da frente e ela então se aproveitou e escondeu a arma no meu vaso de folhagens. É uma mulher bem esperta.

— É mesmo. Foi ela quem sujou de tinta os punhos de uma camisa limpa de Robert, com receio de que eu tivesse notado as manchas de sangue na que ele estava usando. Mas antes que me esqueça, Sr. Parsons, devo confessar que houve um momento em que suspeitei do senhor.

— Por causa do vaso de folhagens? Acho que não seria difícil reconstituir meu álibi. Vi quando foi acesa a luz no banheiro... o que só seria possível se eu me encontrasse na janela de meu escritório. Saí para pôr a carta no correio mas voltei logo depois, a tempo de ver Hulk passar. Haveria tempo suficiente, durante aqueles 12 minutos, para eu forçar minha entrada na casa? Era uma noite úmida e ventosa, lembra-se? E a janela naturalmente estava fechada.

Assim, os dois amadores juntaram os pedaços do quebra-cabeça. Todavia, não lhes era possível conhecer todos os detalhes.

Não podiam saber que a Srta. Pettigrew, ao invés de permanecer esperando no saguão todo o tempo, foi até a copa furtar uns biscoitos e, por isso, não viu Robert passar. Este detalhe somente veio à luz durante o julgamento e foi considerado pelo júri, um tanto forçadamente, como prova de que a Srta. Pettigrew, no momento do crime, já sofria das faculdades mentais.



O CADÁVER ATRÁS DO BIOMBO

Há alguns meses, os Ellis haviam admitido como pensionista um senhor de nome Paul Dudden. Com cerca de 45 anos, corpulento, introvertido e monossilábico, fora a princípio aceito de braços abertos, sobretudo pela tentadora mensalidade que oferecera como pagamento pela hospedagem. Dudden, que parecia uma pessoa pacata, passou logo a exercer uma singular influência sobre a família que o hospedava: a gorda e bonachona Sra. Ellis; o idoso e omissso Sr. Ellis; o jovem Robert, de cerca de vinte anos, indolente e apático, eterna fonte de preocupação para os pais; e Amy, moça de extraordinário encanto.

Aquela inclusão na família operaria misteriosas alterações, alcançando proporções então inimagináveis.

Escrita inicialmente para a televisão, esta novela, curta mas extraordinariamente bem urdida, foi elaborada como um jogo: Hugh Walpole escreveu o primeiro capítulo sem trocar idéias com os demais autores; Agatha Christie e Dorothy L. Sayers deram seguimento à construção do enredo partindo do ponto em que o predecessor o deixara; e somente os três últimos autores — Anthony Berkeley, E. C. Bentley e Ronald Knox — se reuniram para deslindar a trama que os três primeiros expuseram, resolvendo um verdadeiro quebra-cabeça.

Table of Contents

O CADÁVER ATRÁS DO BIOMBO

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI